0

oficina

JANEIRO — ABRIL 2020

Direção
Direction
João Pedro Vaz
Coordenação
Coordination
Marta Ferreira
Design
Design
Susana Sousa
Ilustração
Illustration
Eduarda Fontes
Tradução
Translation
Martin John Dale
Impressão
Printing
Empresa Diário do Porto
Tiragem
Print run
5000 exemplares

Conteúdos
Contents

8 **Caos e Ritmo**
Chaos and Rhythm

14 **A Possibilidade do Museu**
The Possibility of the Museum

24 **A Sagração da Dança**
10 anos de GUIdance
The Rite of Dance
10 years of GUIdance

34 **Portefólio GUIdance 10 anos**
Portfolio GUIdance 10 years

46 **Século XXI: Um misterioso corpo…**
21st Century: A mysterious body…

54 **Transmissão**
Patrícia Almeida, obras 2001-2017
Transmission
Patrícia Almeida, works 2001-2017

60 **Perspetivas sobre o Poder — parte I**
Perspectives on Power — part I

64 **A unificação pela diversidade**
Unification through diversity

70 **Onde o Cinema Habita**
The Home of Cinema

74 **Westway LAB: Um festival em três dimensões**
Westway LAB: A 3D festival

80 **Os Cartões da Memória**
Memory Cards

86 **Aqui o tempo passa mais devagar**
Time runs more slows here

92 ***In Memoriam* a Alberto Sampaio**
In Memoriam,
Alberto Sampaio

97 **Plano de Apoio à Criação**
Arts Support Programme

101 **Redes**
Networks

105 **Informações Úteis**
Useful Informations

Vista da exposição permanente do CIAJG | Vasco Célio © Stills

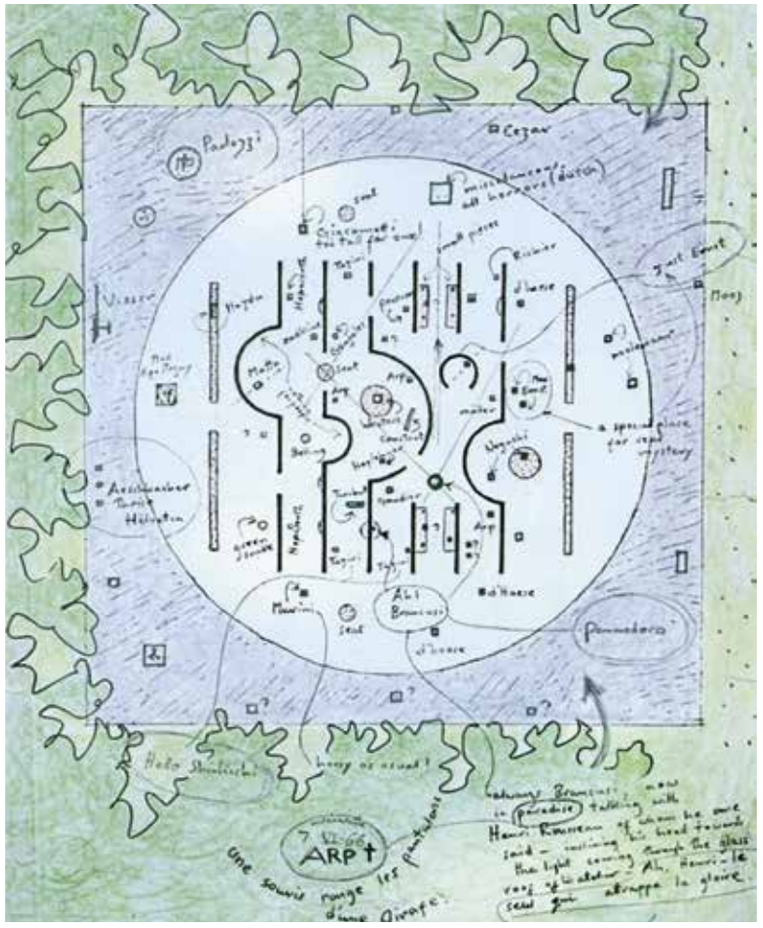
Caos e Ritmo

Caos e Ritmo serve de mote para uma reflexão encantada e desencantada, poética e política, sobre o lugar do homem e, em particular, da criação artística...

André Príncipe © Mesquitela Lima

—
Nuno Faria

—
Centro Internacional das Artes José de Guimarães



Desenho do projeto original "Pavilhão Sonsbeek", 1965-66.
©Aldo van Eyck

Chaos and Rhythm

The opening of *Chaos and Rhythm* in March 2020 completes a circle and announces a return to *Beyond History* - the founding exhibition of the José de Guimarães International Centre for the Arts in 2012. Designed to be a "museum of museums" and aiming to establish a permanent focus on the ethics of exhibiting and showing works, while scrutinising older or newer museological practices, the CIAJG's programme has been based on concepts, modes and devices that seek to deconstruct and erode the primacy of history and the linear conception of time. 2020 is very different from 2012. Time has passed, and today we live in the conviction, between melancholy and anger, that the end - our end - is inescapable and will happen sooner rather than later, i.e. lies on the horizon of our memory. For this reason, while we referred from the outset to a certain idea of loss, that is inherent to the museum's intrinsic funereal condition, the CIAJG's programme has been increasingly impregnated with an eschatological and ecological anxiety, and this can no longer be dissociated from its proposed discourses, contents and forms. Recurrent themes that have been addressed to date include the body, energy flows, the negative as an exorcism of form, the invisible, air, sound, and the artist's shamanic and propitiatory status. These return in the form of an echo, or as an echo of form. More than simple concepts they are materials that have been developed over the past years, with artists, curators and mediators. For this reason, it is not strange that we now convene the philosopher José Gil - whose thought is one of the most glowing sources of inspiration for our work - in this moment of passage, in this twist in the narrative of the CIAJG. José Gil presented the conference, "Artistic object, magical object" in the CIAJG in 2016, in anticipation of his greatest work, *Caos e Ritmo* - a philosophical-ecological legacy-book, of inexhaustible concentration of energy, which is offered to a generation that today manifestly declares itself to be orphaned from any political path. Founded on the powers of the body and individual awareness as one entity, amongst so many other entities, that share and live in a world made of diversity, *Chaos and Rhythm* is the motto for an enchanted and disenchanted, poetic and political reflection on the place of mankind and, in particular, of artistic creation in a sick and amnesiac world - an exhibition-structure that will serve as a foundation for various transversal practices, discourses and reflections, spanning different disciplines, geographies and cultures.

A inauguração de *Caos e Ritmo*, em março de 2020, desenha um círculo e enuncia um regresso a *Para Além da História*, exposição que fundou o Centro Internacional das Artes José de Guimarães em 2012.
Projetado como um "museu dos museus", no sentido de instaurar uma permanente atenção à ética de expor e de dar a ver, escrutinando práticas museológicas mais ou menos antigas, o programa do CIAJG foi construído a partir de conceitos, modos e dispositivos que procuram desconstruir e corroer o primado da história e a conceção linear do tempo.
2020 não é 2012. O tempo transcorreu e hoje vivemos com a convicção, entre melancolia e raiva, de que o fim, o nosso fim, é inelutável e acontecerá mais cedo que tarde, isto é, no horizonte da nossa memória. Por isso mesmo, se desde o início convocava uma certa ideia de perda, inerente à própria condição fúnebre do museu, o programa do CIAJG se foi cada vez mais impregnando dessa angústia escatológica e ecológica, não a podendo hoje mais dissociar dos conteúdos, das formas e dos discursos propostos.
O corpo, os fluxos de energia, o negativo como esconjuração da forma, o invisível, o ar, o som, a condição xamânica e propiciatória do artista, são temas recorrentes que regressam em forma de eco ou como eco da forma, e mais do que conceitos foram materiais trabalhados ao longo destes anos, com artistas, curadores e mediadores. Por isso mesmo, não é estranho que convoquemos agora, neste momento de passagem, nesta torção da narrativa deste lugar, aquele cujo pensamento é uma das mais incandescentes fontes de inspiração para o nosso trabalho — José Gil, que em 2016 apresentou no CIAJG a conferência "Objeto de arte, objeto mágico", em antecipação da sua obra maior, *Caos e Ritmo*, um livro-legado filosófico-ecológico de inesgotável concentração energética oferecido a uma geração que hoje manifestamente se declara órfã de um rumo político.
Fundado sobre os poderes do corpo e a consciência individual enquanto uma entre tantas outras entidades que partilham e convivem num mundo feito de diversidade, *Caos e Ritmo* serve de mote para uma reflexão encantada e desencantada, poética e política, sobre o lugar do homem e, em particular, da criação artística num mundo doente e amnésico – uma exposição-estrutura que servirá de lugar para a fundação de discursos, reflexões e práticas transversais às disciplinas, às geografias e às culturas.

Pintura de Hugo Canoilas ©Hugo Canoilas

Museum of the Future

To which both heaven and earth have set their hand (Dante, *Paradiso*, xxv, 2)

There will only be unattached works in this museum of the future, that we once called the planet. This is the best hypothesis. It struck me, amid the wreckage and shadows, to define thinking as the place where we permanently correct the abuses and intrusions that have been handed down to us. I walk inside a city, I resume its capillary connections. Someone abandoned you, just as people abandon a useless artifact, excluded from its sovereignty of function and from its systems and metrics. One day there should be a remarkable description of such corrupted objects, that have no recognisable use. There will be showcases, with crystal-clear glasses that separate the wound from those who behold it, that separate them once and for all, that distance them from a terrible desire to touch and appropriate. Each visitor to this museum of unattached works will be a beast domiciled in his helplessness before Paradise which lies beyond the hand, heaven, and earth.

Luís Quintais, 17 November 2019.

Museu do futuro

mano e cielo e terra (Dante, *Paradiso*, xxv, 2)

Haverá somente peças desirmanadas nesse museu do futuro a que um dia chamámos planeta. Seja esta a melhor hipótese. Ocorreu-me, por entre destroços e sombras, definir o pensamento como o lugar onde corrigimos, em permanência, os abusos e as intrusões que nos legaram. Caminho dentro de uma cidade, retomo a sua capilaridade. Alguém te abandonou, como se abandona um artefacto sem préstimo, excluído da soberania da função, dos seus sistemas e métricas. Deverá haver um dia uma assinalável descrição destes objectos corrompidos, sem uso reconhecível. Haverá vitrinas, vidros limpos que separem a ferida dos que a contemplam, que os separem de vez, que os afastem de uma pestífera vontade de toque e apropriação. Cada um dos visitantes desse museu de peças desirmanadas será uma fera domiciliada na sua impotência perante o Paraíso que está para lá da mão, do céu, e da terra.

Luís Quintais, 17 de novembro de 2019.

A Possibilidade do Museu

—
João Sousa Cardoso

—
Centro Internacional das Artes José de Guimarães

Em *Les Voix du Silence*, André Malraux recorda que o nosso olhar no museu é assombrado pela memória de todos os museus visitados no curso da vida, estabelecendo o nosso espírito associações surpreendentes, numa montagem que produz o maior dos museus que nenhuma cidade poderá erguer: o *museu imaginário*. São as ligações e o movimento dialógico de abertura – cronológico, disciplinar e cultural – o que, há séculos, garante a razão de ser do ginásio da imaginação a que chamamos museu. O museu é, por natureza, uma casa voltada para o exterior e o longínquo e, como Malraux aponta, lugar de coabitação e de metamorfoses. O convite para esta abertura começa no trabalho do arquiteto.

A Menil Collection, em Houston, é um caso instrutivo. Este museu, no Texas, desenhado por Renzo Piano, de piso único, térreo, e que privilegia a iluminação zenital, inclui um sector de habitação social agregado ao museu, por iniciativa de um casal com fortuna nos negócios do petróleo e colecionador de arte, ativamente implicado no movimento dos direitos civis nos Estados Unidos. O exemplo é o da complexificação do espaço de representação social por meio da criação de concretas formas de relação capazes de sensibilizar um coletivo e de construir uma comunidade.

Outro exemplo é o Museu de Arte de São Paulo (MASP) de Lina Bo Bardi – com que o Centro Internacional das Artes José de Guimarães tão justamente dialoga na sua Sala das Máscaras – elevado sobre a Avenida Paulista e que abriga uma ágora onde turistas, skaters e indigentes se cruzam, protegidos pelo museu de paredes de vidro, museu-ferramenta inaugurado em 1968, que responde à tradição do museu-templo. E, só no início da década de 90, teve os seus pilares pintados de "vermelho-bombeiro" respeitando a indicação do projeto original, não dissociada do reivindicado comunismo da Bo Bardi.

Só os museus em contacto com esta memória do seu fundamento – casa de hospitalidade, da coabitação e do comum – conseguirão sobreviver como lugares vivos, num futuro próximo. Com a evolução da museologia e dos contextos ideológicos em que atua, recentemente diversos museus têm reinventado as suas missões ou reocuparam espaços preexistentes desestabilizando o estatuto dos

Menil Collection ©Kevin Keim

João Sousa Cardoso

João Sousa Cardoso (1977) é realizador, encenador e professor universitário.
Docente e artista, escreve regularmente sobre cultura contemporânea, cinema, artes visuais e performativas.

João Sousa Cardoso (1977) is a film director, stage director and university professor.
A teacher and artist, he regularly writes about contemporary culture, cinema, the visual arts and performing arts.

Museu de Arte de São Paulo (MASP), de Lina Bo Bardi ©Direitos Reservados

Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Sala das Máscaras ©Vasco Célio / Stills

espaços simbólicos. É testemunho do primeiro caso o Musée National de l'Histoire de l'Immigration, em Paris, que implicou a recuperação e a reorientação do Palais de la Porte Dorée, construído para a Exposição Colonial de Paris, em 1931. Quatro anos depois, tornar-se-ia Musée de la France d'Outre-mer; e, na década de 1960, Musée des Arts de l'Afrique et de l'Océanie; hoje é um museu que inverteu a perspetiva da colonização europeia no mundo e se concentra no fenómeno da imigração em França. A sua "galeria dos dons" reúne testemunhos materiais da história da vida privada, retraçando dezenas de percursos migrantes, nas suas dimensões histórica, política e estética e o seu contributo para uma transformação interna do país.
Do segundo caso, é testemunho o Museu do Futebol, também em São Paulo, num percurso integrado no Estádio do Pacaembu (projeto de fim dos anos 1930, de cariz fascizante), atravessando o esqueleto do edifício e revelando as estruturas invisíveis do estádio. Ou o cimento das arquibancadas e a terra, como na Sala da Exaltação, numa experiência sensorial imersiva, com múltiplas projeções, dedicada aos adeptos e à ebritas das claques. Ambos são museus híbridos com um programa que agrega uma antropologia do lugar e dos seus usos nos diversos quadros históricos, respeitando uma lógica sedimentar que comporta, como reflexo da cidade, o inacabado.

Musée National de l'Histoire de l'Immigration ©OTCP-Marc-Bertrand

O museu do novo tempo recria a sua vocação num mundo pós-etnocêntrico, articulando as artes consagradas e os ofícios artesanais, os conhecimentos legítimos e os instituintes, as formas arcaicas e o devir, os profissionais e os amadores, os especialistas e os aprendizes, a aproximação cognitiva e a experiência sensorial.
O museu do nosso tempo que terá futuro redescobre a inteireza do corpo vivo, as mãos e os pés que concorrem com a hegemonia do olhar e do intelecto. E saberá acender novas fogueiras igualitárias em roda das quais a comunidade vem espontaneamente escutar histórias antigas (em países do Médio Oriente, na atualidade, as sessões animadas por contadores de histórias são fenómenos sofisticados e verdadeiramente populares) ou acolher saberes ancestrais ligados ao fogo como o fabrico do pão e a olaria (não por acaso, em momentos de crise, Pablo Picasso reencontrou na cerâmica o contacto com as formas de fazer ancestrais e as vias de superação pela sabedoria tradicional) ou o vinho que ferve sem fogo e aquece. Mas a hospitalidade do museu pode também ser literal: um abrigo onde a cozinha e a gastronomia se oferecem para o nosso alimento. Lina Bo Bardi não desenhou apenas o MASP e o SESC Pompeia, em São Paulo, no segundo desenhou também a ardósia onde se haveria de escrever a giz a ementa do dia, com uma galinha colorida e outros folgados elementos decorativos. Não é antiga a relação entre o pomar, a horta, o herbário e o artista, a cantina e a refeição que reúne a comunidade à mesa? E o museu pode, além disto, ser lugar de descanso e pernoita que convida à sonolência, ao sono e ao sonho que participam na experiência estética, muito antes da sala de teatro, do cinema e do surrealismo existirem. Museu, *natura*, cama e mesa não são realidades isoladas nem incompatíveis. Pelo contrário: o arcaico; o pensamento mítico e arquetípico; as diversas expressões culturais de relação com o material, a experiência e a transcendência; as mundividências marginais e o autodidatismo entram hoje numa circulação heterogénea de saberes capaz de novas economias e ecologias que transfiguram os programas modernistas das instituições artísticas e apontam para um tempo cultural pós-antropocêntrico.
E, com isto, existe a questão dos trabalhadores no museu dum novo tempo.

Hoje, os museus de maior irradiação fazem das suas coleções, da história do lugar e das suas comunidades, da origem do edifício e da especificidade das suas equipas, os eixos de uma constelação complexa a que chamamos programa...

Museu do Futebol, São Paulo ©Direitos Reservados

Em Nova Iorque, o Brooklyn Museum, com a sua coleção transdisciplinar e um programa de exposições de arte, de história, de cidadania, de iconologia, de cultura pop, além de um departamento exclusivamente dedicado ao feminismo e às questões de género, trabalha com rigor a qualidade do compromisso entre o museu e os seus primeiros habitantes: os funcionários. Desde a entrada, compreendemos uma exemplar representatividade cidadã e a uma relação desassombrada com a diferença, conferindo uma semântica política a quem habitualmente subsiste na invisibilidade do mosaico social: funcionários com trissomia 21 no bengaleiro, vigilantes de origem indígena, de minorias étnicas e das comunidades LGBTIQ, no decurso das várias salas, como corpos políticos relevantes para uma outra história das Américas. A representatividade é também uma questão de enquadramento e o museu espelha o movimento cívico da cidade: os funcionários não são presenças discretas, silenciosas, obedientes e descartáveis como acontecia no velho tempo em tantas instituições. Agora a sua presença física fala, é histórica, digna guardiã de uma memória genética e cultural, e mobilizadora de ideias e de novas relações. O museu não é apenas o lugar de confronto da cultura visual do visitante diante da atualidade das suas coleções como André Malraux acreditava nos anos 50 do século 20. Hoje, os museus de maior irradiação fazem das suas coleções, da história do lugar e das suas comunidades, da origem do edifício e da especificidade das suas equipas, os eixos de uma constelação complexa a que chamamos programa, dinamizando um trabalho proteiforme em torno de questões de ética e de estética na construção social, necessariamente inclusivo, plural e centrífugo, devolvendo a possibilidade do museu à corrente inquebrável da vida.

Brooklyn Museum ©Direitos Reservados

The Possibility of the Museum

In *Les Voix du Silence*, André Malraux recalls that our gaze in the museum is haunted by the memory of all the museums we have visited in our life, and establishes surprising associations in our spirit, in a montage that produces the largest museum, that no city could ever erect: the *imaginary museum*.
These are the connections and dialogical movement of openness - chronological, disciplinary and cultural - which, for centuries, has ensured the prime raison d'être of the gymnasium of the imagination, that we call the museum. The museum, by its nature, is a house that faces the exterior and the distant horizon, and, as Malraux points out, is a place for cohabitation and metamorphosis. The invitation for this opening begins with the work of the architect.
The Menil Collection, in Houston, is an instructive case. This museum in Texas, designed by Renzo Piano, has a single ground floor, primarily illuminated via skylights, and includes a social housing sector attached to the museum. It was built on the initiative of a couple that has made money in the oil business and as art collectors, who are also actively involved in the civil rights movement in the United States. This is an example of complexification of the space of social representation, through creation of specific forms of relationship, capable of raising group awareness and building a community.
Another example is the Museum of Art of São Paulo (MASP), designed by Lina Bo Bardi - with which the José de Guimarães International Centre for the Arts establishes a dialogues through its Masks Room. MASP is raised above the Avenida Paulista and houses a public forum in which tourists, skateboarders and indigents cross paths, protected by the glass-walled museum, a tool-museum inaugurated in 1968, which responds to the tradition of the temple-museum. In the early 1990s its pillars were painted "firefighter red" in keeping with the indication of the original design, and also linked to Bo Bardi's assumed communist sympathies.
Only museums that are in contact with this memory of their own foundation – as a home of hospitality, cohabitation and communal sharing - can survive as living places, in the near future.
With the evolution of museology and the ideological contexts in which it operates, several museums have recently reinvented their missions or reoccupied pre-existing spaces, thereby destabilizing the status of these symbolic spaces. An example of a museum reinventing its mission is the Musée National de l'Histoire de l'Immigration in Paris, which recovered and attributed a new purpose to the Palais de la Porte Dorée, that was built for the Paris Colonial Exhibition in 1931. In 1935 the building became the Musée de la France d' Outre -mer; and in the 1960s was transformed into the Musée des Arts de l'Afrique et de l'Océanie. Today it is a museum that has reversed the perspective of European colonization in the world, and now focuses on the phenomenon of immigration in France. Its "gallery of gifts" collects material testimonies of the history of private lives, and portrays dozens of migrant paths, in their historical, political and aesthetic dimensions, and their contribution to an internal transformation of France.
An example of a museum reoccupying a pre-existing space is the Football Museum, also in São Paulo, part of an itinerary integrated within the Pacaembu Stadium (a fascinating project from the late 1930s), which crosses the building's skeletal framework and reveals the stadium's invisible structures. The cement stands and the earth, in the case of the Exaltation Room, offer an immersive, multi-projected sensory experience dedicated to fans and cheerleaders.
Both of these examples are hybrid museums, with a programme that aggregates an anthropology of the place and its uses in various historical frameworks, respecting a sedimentary logic that transports the unfinished, as a reflection of the city.
The museum of the new era recreates its vocation in a post-ethnocentric world, articulating consecrated arts and crafts, legitimate knowledge and founding principles, archaic forms and the sense of becoming, professionals and amateurs, specialists and apprentices, a cognitive approach and sensory experience. The **museum of our time**, which will have a future, rediscovers the wholeness of the living body, the hands and feet that compete with the hegemony of the gaze and the intellect. It will know how to ignite new egalitarian bonfires, around which the community will spontaneously listen to ancient stories (today, in the countries of the Middle East, the sessions animated by storytellers are sophisticated and truly popular phenomena) or host ancient knowledge linked to fire, such as bread making and pottery (it was no accident that, during moments of crisis, Pablo Picasso found that pottery afforded him contact with ancestral techniques and ways of overcoming through traditional wisdom) or the wine that boils without fire and provides heat. But the museum's hospitality can also be literal. It can be a shelter where cuisine and gastronomy provide us with sustenance. Lina Bo Bardi not only designed the MASP and the SESC Pompeia, in São Paulo, in the second he also designed a blackboard, where the menu of the day would be written in chalk, with a colourful chicken and other amusing decorative elements. Isn't there an ancient relationship between the orchard, vegetable garden, herbarium and the artist, between the canteen and the meal that brings the community together at the table? The museum can be a place to rest and sleep over night, that invites drowsiness, sleepiness and dreams for all those who participate in the aesthetic experience, long before the existence of the theatre, cinema and surrealism. Museum, nature, bed and table are not isolated, or incompatible, realities. On the contrary there is now a heterogeneous circulation of knowledge between the archaic, mythical and archetypal thinking, the various cultural expressions of relations with material existence, experience and transcendence; marginal worldviews and self-learning. These are capable of generating new economies and ecologies that transfigure the modernist programmes of artistic institutions and point the way towards a post-anthropocentric cultural era. This is also linked to the question of the workers in the museum of a new era.
The Brooklyn Museum, in New York - with its transdisciplinary collection and a programme of exhibitions on art, history, citizenship, iconology, and pop culture, as well as a department that is exclusively dedicated to feminism and gender issues - rigorously develops the quality of its commitment with its primary inhabitants: the museum staff. As soon as we enter the museum, we realise that there is an exemplary representation of citizens and a nonchalant relationship with difference, endowing political semantics to those who usually subsist in the invisibility of the social mosaic: for example, there are cloakroom staff with Down syndrome, museum guards of indigenous origin, or from ethnic minorities and LGBTIQ communities, throughout the various rooms, as relevant political bodies for another history of the Americas. Representativeness is also a matter of framing, and the Brooklyn Museum reflects New York's civic movement. The staff aren't discreet, silent, obedient and disposable presences, as they were in the old days of so many institutions. Now each staff member's physical presence says something in its own right, as a historic, worthy guardian of a genetic and cultural memory, mobilising new ideas and relationships. The museum is not only a place for confrontation between the visitor's visual culture and the contemporary relevance of its collections, as André Malraux believed in the 1950s. Today, the museums that have the greatest influence leverage their collections, the history of the place and its communities, the origin of the building and the specificity of its teams, as axes of a complex constellation that we call the "programme", fostering a multifaceted work linked to ethical and aesthetic issues in social construction, necessarily inclusive, plural and centrifugal, returning the possibility of the museum to the unbreakable river of life.

Centro Internacional das Artes José de Guimarães ©Vasco Célio / Stills

MUSEU DO FUTURO #1

SÁBADO 7 MARÇO

11H00 E 15H00
CDMG / Sala do Repositório
Sessão Comunitária
Álbuns da Terra
Tânia Dinis

14H00
CIAJG / Sala das Máscaras
Oficina
Atlas Revisitado – Pensar Imagens
Melissa Rodrigues

17H00
CIAJG / Sala de Conferências
Conferência com Fernanda Fragateiro

19H00
CDMG / Casa do Pátio
Visita Performativa
Pátria
Gil Mac
+
Exposição
Matéria
Gil Mac

21H30
CIAJG
Exposições [Até 20 Set]
Caos e Ritmo

23H00
CIAJG
Música
Plantasia
Bruno Pernadas e Moulinex

DOMINGOS NOS MUSEUS

DOMINGO 8 MARÇO

10H00
CIAJG / Sala das Máscaras
Oficina
Atlas Revisitado – Pensar Imagens
Melissa Rodrigues

10H00
CDMG
Visita Guiada à Casa da Memória
Francisco Neves

11H00
CIAJG
Visita Guiada à Exposição Caos e Ritmo
Rita Senra

11H30
CDMG
Oficina
Vamos Transformar O Plástico Velho?
Precious Plastic

Entrada livre,
lotações limitadas

A Sagração da Dança

10 anos de GUIdance

—
Cláudia Galhós

—
Centro Cultural Vila Flor e
Centro Internacional das
Artes José de Guimarães

A possibilidade de início de uma história, de uma nova História para a humanidade... Tal afirmação talvez pareça rebuscada no arranque de um texto que reflete sobre os dez anos do GUIdance, festival de dança de Guimarães. Mas esse é o poder da dança. Esse é o poder, em potência, da dança que, por natureza, se coloca em diálogo – com o seu passado, com reformulações da sua identidade, com o mundo em que vivemos, com a liberdade de expressão autoral, com os ecos de culturas e tendências artísticas muito distintas. É tudo isto que tem estado em causa no GUIdance. O que é esta dança deste novo século? Ainda é cedo para o dizer, mas com dez anos de festival podemos esboçar algumas primeiras impressões...

Modris Eksteins, no seu livro "Sagrações da Primavera: A Grande Guerra e o nascimento da Idade Moderna" (de 1989), cria uma umbilical relação entre o surgimento da arte moderna no início do século XX, de que o bailado "A Sagração da Primavera" (1913) é emblemático, com as II Guerras Mundiais que marcaram o espírito do tempo. Partindo de "A Sagração da Primavera" apresenta a dança da morte, com "a sua ironia orgíaca-nihilista", como "um dos símbolos supremos do nosso século centrífugo e paradoxal, em que no mesmo instante que está a lutar pela liberdade adquire o poder da derradeira destruição". Eksteins também refere a curiosidade de Stravinsky ter chegado a ponderar nomear a sua composição musical de "A Vítima". No livro, o historiador associa a imagem do soldado desconhecido, central à narrativa que está a construir, à vítima de Stravinsky, que Nijinsky coreografou. Muito aconteceu no mundo e na dança depois desse arranque de novo século passado. A dança, mesmo quando é de morte, tem outras pulsões que reformulam qualquer ideia de vítima, do mesmo modo que a guerra ganhou novas expressões – com os atentados terroristas, o recurso às novas tecnologias – e uma consciência crítica das possibilidades artísticas, mas também de reivindicação de um mundo melhor. Um pouco de tudo isto tem passado pelo GUIdance.

O encontro entre a explosão das problemáticas que os novos conhecimentos colocam à vida tem surgido ao longo dos anos: logo nas primeiras edições, o ADT – Australian Dance Theatre formulou-as em duas das peças de referência do repertório criadas por Garry Stewart em que a tecnologia, a robótica e a dança se cruzam: "Be Yourself" em 2011 e "Proximity", em 2013. Quando chegamos a 2018, o GUIdance oferece a oportunidade rara de ver em Portugal uma obra de um dos mais reconhecidos coreógrafos-estrelas atuais, Wayne McGregor – "Autobiography" (peça de 2017) –, que trabalha o corpo como uma tecnologia de ponta, esta criada a partir do estudo científico da composição celular, o código genético, e toda a informação que compõe o seu genoma.

Cláudia Galhós

Cláudia Galhós (1972) é jornalista, escritora e crítica de artes performativas. Atualmente escreve para o semanário Expresso.

Cláudia Galhós (1972) is a journalist, writer and performing arts critic. She currently writes for the weekly newspaper, Expresso.

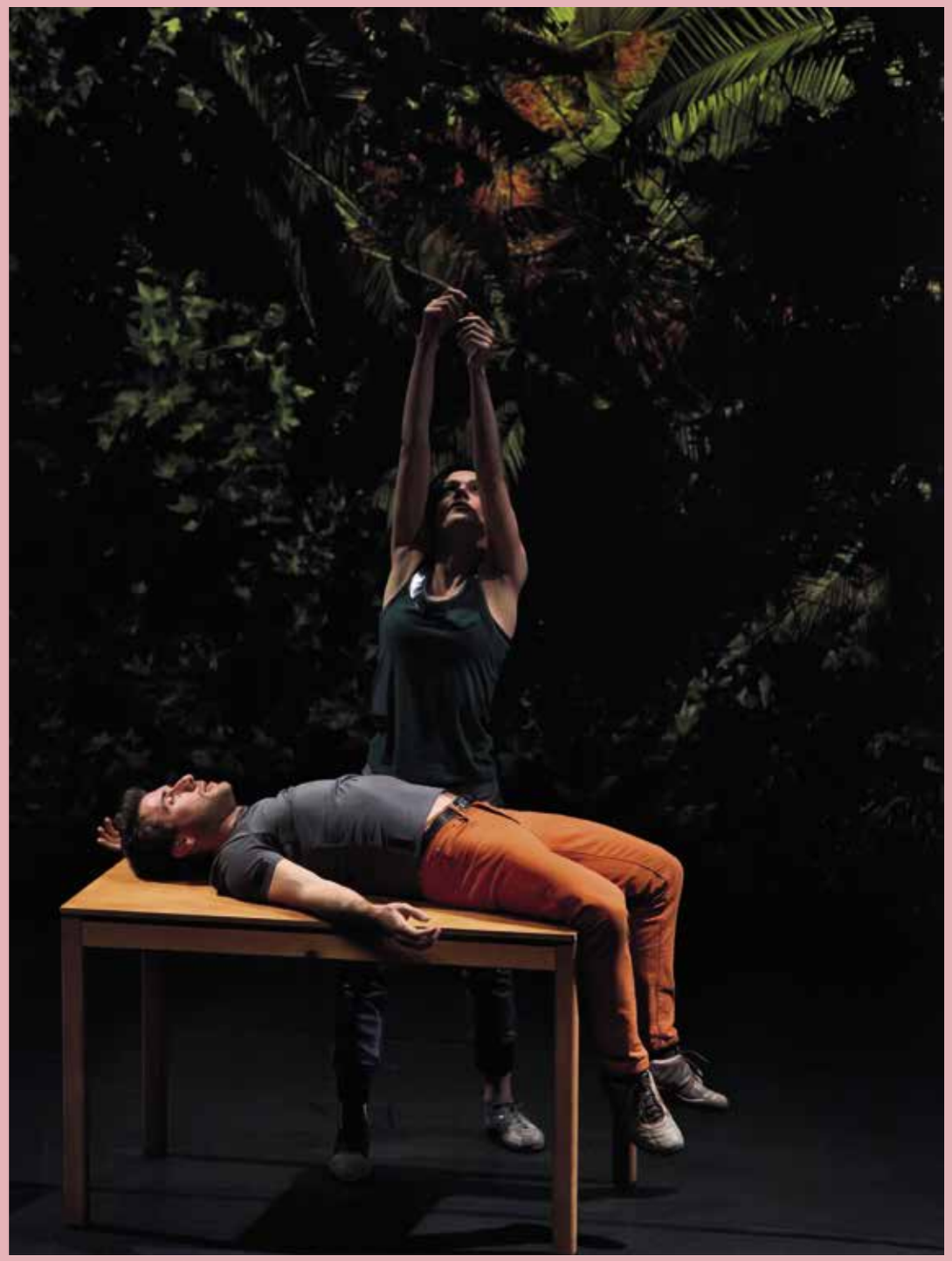
O que é esta dança deste novo século? Ainda é cedo para o dizer, mas com dez anos de festival podemos esboçar algumas primeiras impressões...

Rui Horta, que também tem uma abordagem do corpo que dança como uma tecnologia de ponta, fez uma viagem muito pessoal na história do GUIdance, nesse mesmo ano de 2018, em que é o coreógrafo em destaque: apresentou um raro solo criado e interpretado por si, "Vespa", criado quando fez 60 anos (estreado no ano anterior, no preciso dia do seu aniversário, no Centro Cultural Vila Flor) e a sua primeira criação para amadores, com "Humanário". Na altura, a propósito do solo, disse: "Estou a viver um momento em que o meu corpo se vai apagando, está a desaparecer, quando se apaga o corpo ficam as ideias, a voz. Um dia vão ficar só as ideias. Isso é absolutamente normal. Este solo é uma homenagem a um corpo que se apaga, com o qual vivi estes anos todos e me fez ganhar a vida, que não estava aqui esquecido, estava aqui para ser celebrado." Com "Humanário" tornou patente que a questão do outro não é apenas uma questão das artes vivas ou da dança mas é civilizacional.
De qualquer modo, quando falamos de dança, mesmo quando estamos a falar de dança, da articulação formal como linguagem artística, raramente estamos a falar só de dança, e esta ideia atravessa todo o GUIdance. É significativo que a edição deste ano reúna obras de fôlego e que criam embates frontais com qualquer réstia de conservadorismo, propondo múltiplas ideias expandidas do que podemos considerar como dança, em impactantes visões do mundo como: "Bacantes" de Marlene Monteiro Freitas, "A Sagração da Primavera" (1993) e "Henri Michaux: Mouvements" (2011) de Marie Chouinard, "O que não acontece" (2018) de Sofia Dias & Vítor Roriz ou "Outwitting the Devil" de Akram Khan. É significativo também que o artista em destaque seja Vera Mantero, criadora comprometida radicalmente com uma liberdade formal, poética e filosófica na abordagem da dança, mas também investida na discussão do mundo em que vivemos.

Há um caminho feito para chegar até aqui e que tem alguns anos como marcos significativos: **2012** por ser a edição correspondente a Guimarães Capital Europeia da Cultura; **2014** pelo fôlego do programa, num misto de aposta em novíssimos criadores portugueses e obras de referência fundamentais internacionais não muito conhecidas em Portugal, programado por Rui Horta; e **2019**, no rasgo da aposta de Rui Torrinha em estreias absolutas nacionais, a par de peças emblemáticas internacionais, mais do registo pop desta história, num gesto claro de afirmação de confiança na relação construída com artistas e públicos, e que se provou ganha. Chegamos a **2020** e é de maturidade que se trata.
Quando Guimarães é Capital Europeia da Cultura, em 2012, o GUIdance está na sua segunda edição, e nela surge a enunciação das possibilidades de articulação do movimento com outros géneros artísticos, e a dança como conciliadora de diferenças: a música pop é um primeiro intermediário, vinda da Bélgica, a marcar a obra "Au-Delà" de Koen Augustijnen, dos Les Ballets C de la B, mas também numa segunda presença da companhia de Anne Teresa de Keersmaeker, Rosas, dessa vez com "Dancing with the sound Hobbyist", numa colaboração com a banda belga Zita Swoon – na primeira edição do GUIdance apresentaram-se a peça maior e iniciática do vocabulário de Keersmaeker: "Rosas danst Rosas" (de 1983). É este também o ano de projeção para uma maior escala de reconhecimento de Victor Hugo Pontes, que aqui cria "A Ballet Story", propondo uma reconfiguração das possibilidades da composição para o corpo, num grau de inventividade simultaneamente clássica e contemporânea, erudita e pop, versátil na congregação das referências e géneros de dança múltiplos. Peeping Tom também por aqui passou (regressou em 2018 com "Vader"), assim como a japonesa Kaori Ito, que iriam regressar mais tarde.

Chegamos a 2020 e é de maturidade que se trata.

Au-Delà ©João Octávio Peixoto



Um gesto que não passa de uma ameaça ©João Octávio Peixoto

Em 2012 também não passou ao lado uma pesquisa muito singular, entre o movimento e a palavra, da dupla de criadores portuguesa Sofia Dias & Vítor Roriz. Então, ainda muito em início de pesquisa, mas já sólida na certificação do rigor da concretização da obra, aqui com "Um gesto que não passa de uma ameaça" (de 2011). Quase dez anos depois, eles estão de regresso nesta edição, em 2020, permitindo quase uma atualização de onde está esta procura dos múltiplos desdobramentos possíveis entre a audição e a visão, de disrupção entre significado e significante, do familiar e do estranho… Em "O que não acontece" a pesquisa formal encontra a sua concretização, com os dois intérpretes ao vivo, num lugar muito particular de intimidade.

Outro ano assinalável foi o de 2014, ano de combinação entre criações de novos nomes e consagrados portugueses – Mara Andrade, Flávio Rodrigues (com o Ballet Contemporâneo do Norte), Jonas & Lander, Teresa Silva & Filipe Pereira, Luís Marrafa, Marlene Monteiro Freitas, Clara Andermatt – e uma representação internacional de novas tendências e nomes mais estabelecidos, entre Ludvig Daae, Emanuel Gat, Jefta van Dinther e Mathilde Monnier.

Em 2019, o festival aprofunda a afirmação clara da confiança entre criadores e programador, com seis criações portuguesas em estreia absoluta – "Drama" de Victor Hugo Pontes, "No Fim era o Frio" de Mão Morta e Inês Jacques, "anesthetize" de Maurícia | Neves, "Fraternidade I + II" de Útero, "Lento e Largo" de Jonas & Lander e "Dos Suicidados – O Vício de Humilhar a Imortalidade" de Joana von Mayer Trindade & Hugo Calhim Cristovão. Victor Hugo Pontes, coreógrafo natural de Guimarães e que tem estado presente no festival ao longo dos anos, foi o coreógrafo em destaque, remontando "Fuga Sem Fim", obra originalmente estreada em Guimarães em 2011, poucos meses antes de "A Ballet Story". As presenças estrangeiras trouxeram a dimensão histórica e mais lúdica da dança, com a obra emblemática do coreógrafo irreverente Mickael Clark, "to a simple rock 'n' rol… song", e uma outra dimensão de escala mediática, dos mestres do hip hop e da dança como entretenimento, a dupla Wang Ramirez, e o seu encantador "Everyness".

O que nos diz esta dança é que entramos no século XXI a procurar um sentido para uma vida de mudanças vertiginosas, onde tudo se concentra na cidade, em que o tempo é um atropelo, tudo se fragmenta, dissipa e transforma à velocidade da luz. Herdamos um conhecimento de que a arte deve exigir liberdade de expressão, dentro e fora do palco, e isso traduz-se nos temas que aborda e também no despudor com que se concretiza formalmente.

"O quotidiano é uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada", escreveu Michel de Certeau na sua obra "A Invenção do Quotidiano", originalmente publicada em 1980. Ali, o autor contrapõe a ideia da passividade dos consumidores à emergência de resistências e atos de liberdade em escala mínima que gera múltipla criação anónima, nascida da prática, do desvio no uso desses produtos. A vida do dia-a-dia, assim entendido, é sintoma de poder individual que se concretiza no coletivo e surge em subtexto na obra operática "Babel Words" de Sidi Larbi Cherkaoui (peça de 18 bailarinos, de 13 países, com 15 línguas, 7 crenças religiosas e vários estilos de dança, que contou com a colaboração do artista visual Antony Gormly, e que passou pelo GUIdance em 2011).

As presenças estrangeiras trouxeram a dimensão histórica e mais lúdica da dança

Grind ® Ivo Hofste

De forma muito diversa, mas num discurso de comunhão de diferenças radicais, onde a dança cruza tempos e reivindica um excesso que é procura de vida plena, sem discriminação ou falsos juízos de valor, onde não há interditos, também é marcante a passagem de "altered natives' Say Yes to Another Excess – Twerk" de François Chaignaud e Cecilia Bengolea no GUIdance de 2013. "Fica no Singelo" de Clara Andermatt, apresentado em 2014, faz uma síntese entre o contemporâneo e o popular, conciliando diferenças radicais numa obra comovente, que traduz em linguagem atual um pulsar que ainda respira um temperamento cuja raiz é longínquo no tempo. "Projecto Continuado" de João dos Santos Martins, no GUIdance 2015, dissolve quaisquer fronteiras para uma história da dança, integrando-a numa perspetiva simultaneamente mais ampla, onde convivem o erudito e o mainstream, os experimentalismos radicais da Judson Church e os musicais de Hollywood, mas também numa história sensível sobre como pensamos o estar junto e criar junto. Neste plano das obras significativas para pensar que dança é esta do século XXI, encontramos outros exemplos nos dez do GUIdance, entre eles "Grind", de Jefta van Dinther (apresentado em 2014) que revela da hipnótica possibilidade de movimento do corpo, mesmo quando este aparenta permanecer estático ou se entrega a breves variações repetitivas de embalo, para a frente e para trás, num jogo certeiro do uso e projeção de luz, que manipula a percepção do olhar sobre o movimento, gerando ecos e reverberações físicas.
A morte ronda por estas peças, na mesma medida em que a vida fulgurante reclama a sua existência, exigente de um espírito crítico sobre como viver, tanto a nível formal da arte como ao nível das questões/conteúdos abordados. A dança destes dez anos de GUIdance diz-nos do poder da imaginação, e de como cada nova criação artística, mesmo que afirmando uma singularidade autoral, se constitui a partir de uma sempre nova fórmula de combinação de variáveis que articulam uma questão e raramente se formulam numa narrativa linear que pretende iludir. E a dança portuguesa tem afirmado esta maturidade e diversidade, em nomes que, em dez anos, incluem Victor Hugo Pontes, Útero, Tânia Carvalho, Marlene Monteiro Freitas, Jonas & Lander...

A morte ronda por estas peças, na mesma medida em que a vida fulgurante reclama a sua existência...

The Rite of Dance
10 years of GUIdance

The possibility of starting a history, a new History for humanity ... This statement may seem rather extravagant for the beginning of a text about the tenth anniversary of Guimarães' dance festival - GUIdance. But that is the power of dance: the potential power of dance, which is intrinsically based on dialogue - with its past, with reformulations of its identity, with the world we live in, with freedom of artistic expression, with echoes of cultures and distinct artistic trends. GUIdance has involved all of these elements. What is dance in the twenty-first century? It is still early to say, but as the festival celebrates its tenth anniversary we can suggest some initial impressions...
Modris Eksteins, in his book "Rites of Spring: The Great War and the Birth of the Modern Age" (1989), identified an umbilical relationship between the rise of modern art, in the early twentieth century - he cites the ballet, "The Rite of Spring" (1913) as an emblematic example - and the two World Wars, that marked the spirit of the epoch. Starting from "The Rite of Spring" he suggests that the dance of death, with "its orgiastic-nihilist irony", is "one of the supreme symbols of our centrifugal and paradoxical century, which fights for freedom while simultaneously acquiring the power of ultimate destruction". Eksteins also cites the curious fact that Stravinsky even considered calling his musical composition, "The Victim". He associates the image of the unknown soldier, central to his narrative, with Stravinsky's "victim", that was choreographed by Nijinsky. Much has happened in the world, and in the field of dance, since the early twentieth century. Dance, even when it is a dance of death, incorporates other impulses, that reshape any idea

of victimisation. War has also gained new forms - including terrorist attacks, and recourse to new technologies. We therefore now have a critical awareness of artistic possibilities, and the possibility of fighting for a better world. GUIdance has involved a little of all this.
This encounter between the explosion of problems engendered by new knowledge, has evolved over the past ten years. In the festival's first editions, ADT - Australian Dance Theatre formulated these questions by staging two of Garry Stewart's key repertoire works, that combine technology, robotics and dance: "Be Yourself" in 2011 and "Proximity" in 2013.
In 2018, GUIdance offered the rare opportunity to see a work in Portugal by one of today's best-known choreographers, Wayne McGregor - "Autobiography" (stage play written in 2017) - which works with the body as a cutting-edge technology, created from scientific study of cell composition, the genetic code, and the information contained within the genome.
In the same year, the featured choreographer, Rui Horta, who also views the dancing body as a cutting-edge technology, made a personal trip through the history of GUIdance: he presented a rare solo work, created and performed by himself, "Vespa", which he created when he turned 60 (and was premiered on his 60th birthday in 2017, at the Centro Cultural Vila Flor) as well as his first work for amateur players - "Humanário". He stated in relation to his solo work: "I am experiencing a moment when my body is receding, it's disappearing. The body is extinguished, but the ideas and the voice remain. One day there will be just ideas. This is absolutely normal. This solo is a tribute to a receding body, with which I have lived all these years and which has allowed me to earn a living, which wasn't forgotten here, which is celebrated here", With "Humanário" it became clear that the question of the other is not just an issue related to the living arts or dance, but concerns civilisation itself.
When we talk about dance, even if we're essentially talking about dance, about formal articulation as an artistic language, we're rarely just talking about dance. This is a transversal idea that underpins GUIdance. It's significant that this year's edition includes bold works that directly clash with any lingering remains of conservatism. It proposes multiple expanded ideas of what we can consider to be dance, including striking visions of the world, such as "The Bacchantes" by Marlene Monteiro Freitas, "The Rite of Spring (1993) and "Henri Michaux: Movements" (2011) by Marie Chouinard, "What never happens" by Sofia Dias & Vitor Roriz, or "Outwitting the Devil" by Akram Khan. The featured artist is Vera Mantero, who is radically committed to formal, poetic and philosophical freedom in her approach to dance, and is also committed to discussing the contemporary world.
The journey so far has been long, and includes various milestones: in 2012 - the edition held during Guimarães European Capital of Culture; in 2014 - given the breath of the programme, programmed by Rui Horta, that combined new Portuguese creators and key international works that are less known in Portugal; and in 2019 - in the wake of Rui Torrinha's commitment to staging world premieres of Portuguese works, together with emblematic international works, that primarily corresponds to the pop record of this history, in a clear gesture of affirmation of confidence in the relationship built with artists and audiences, which has been a proven success. Now we've reached 2020, which in itself is a sign of our maturity.
GUIdance had its second edition in 2012 when Guimarães was European Capital of Culture. It announced the possibilities of articulating movement with other artistic genres, and dance as a force that can conciliate differences. Pop music, from Belgium, was the intermediary that marked Koen Augustijnen's work "Au Delà", by Les Ballets C de la B.
Anne Teresa de Keersmaeker's company, Rosas, also returned to the festival, this time with "Dancing with the sound Hobbyist" , in collaboration with the Belgian band, Zita Swoon.
In the first edition of GUIdance, in 2011, Keersmaeker had presented her larger work, "Rosas danst Rosas" (1983), which introduced people to her artistic vocabulary.
2012 also marked greater international projection for Victor Hugo Pontes, who created "A Ballet Story" for the festival, in which he proposed reconfiguration of the possibilities of composition for the body, in a degree of inventiveness, that was simultaneously classical and contemporary, erudite and pop, and versatile in its combination of multiple dance references and genres. Peeping Tom also performed in the festival in 2012 and returned in 2018 with "Vader", as did the Japanese dancer and choreographer, Kaori Ito, who also returned later.
2012 also included a very unique research project, between movement and words, by the Portuguese artistic duo, Sofia Dias & Vítor Roriz. In the early stages of their research, that was already solid in terms of certifying the rigour of their work, they presented "A gesture that is nothing more than a threat" (created in 2011). Almost a decade later, they are now returning for the 2020 edition, offering an update to their research into the multiple possible combinations between hearing and sight, of disruption between meaning and signifier, between the familiar and the strange. In their work, " What Doesn't Happen" their formal research finds its concretisation, with two live performers, in a very private space of intimacy.
2014 was also a remarkable year, that combined new and well known Portuguese artists - Mara Andrade, Flávio Rodrigues (with the Ballet Contemporâneo do Norte (Northern Contemporary Ballet), Jonas & Lander, Teresa Silva & Filipe Pereira, Luís Marrafa, Marlene Monteiro Freitas , Clara Andermatt - and an international representation of new trends and more established names, including Ludvig Daae, Emanuel Gat, Jefta van Dinther and Mathilde Monnier.
In 2019, the festival consolidated its assertion of trust between creators and programmers, with six Portuguese works in a world premiere - "Drama" by Victor Hugo Pontes, "In the End it was the Cold" by Mão Morta and Inês Jacques, "anaesthetise" by Mauritius | Neves, "Fraternity I + 2" by Útero, "Lento e Largo (Slow and Very Slow)" by Jonas & Lander, and "The Suiciders - The Secret Vice of Humiliating Immortality" by Joana von Mayer Trindade & Hugo Calhim Cristovão. The featured choreographer in 2019 was Victor Hugo Pontes, from Guimarães, who has regularly presented works in the festival over the years, dating back to "Fuga Sem Fim (Endless Flight)", that originally premiered in Guimarães in 2011, a few months before "A Ballet Story".
The foreign guests in the festival in 2019 brought the historical and most playful dimension of dance, including the emblematic work by the irreverent choreographer Michael Clark, "to a simple rock 'n' roll… song", and the duo Wang Ramirez, masters of hip hop and dance as entertainment, presented their charming work, "Everyness", from another part of the media spectrum.
What this dance tells us is that we have entered the 21st century looking for meaning from a world of dizzying change, where everything is concentrated in the city, where time is an accident, everything begins to fragment, dissipate and transform at the speed of light. We have inherited a knowledge that art must demand freedom of expression, on and off stage, and this translates into the themes that art addresses and also the brazen manner in which this is formally materialised.
"Everyday life is a story that advances towards us, almost retreating, sometimes veiled," wrote Michel de Certeau in his work "The Invention of Everyday Life", originally published in 1980. In this work, the author opposes the idea of the passivity of consumers to the emergence of resistance and acts of freedom on a minimal scale that generate multiple forms of anonymous creation, born of practice, of diverted use of these products. Everyday life, understood from this perspective, is a symptom of individual power concretised in the collective and which appears in the subtext of Sidi Larbi Cherkaoui's operatic work "Babel Words" (a play for 18 dancers from 13 countries, with 15 languages, 7 religious beliefs and various dance styles, which involved the collaboration of the visual artist Antony Gormly, which was performed in GUIdance in 2011).
In a very different way, but with a discourse based on communion of radical differences, in which dance intersects with different moments in time and claims a sense of excess, which corresponds to the pursuit of a full life, without discrimination or false value judgments, where there are no prohibitions, attention should also be placed on the performance in GUIdance 2013 of "altered natives Say Yes to Another Excess - Twerk" by François Chaignaud and Cecilia Bengolea. Clara Andermatt's 'Stay in the Single', presented in 2014, synthesises the contemporary and popular, reconciling radical differences in a moving work, which conveys a driving force in contemporary language while still exuding a temperament with distant roots in time. João dos Santos Martins' "Continued Project", performed in GUIdance in 2015 dissolves any boundaries within a history of dance, integrating it into a broader perspective, which combines erudite and mainstream traditions, Judson Church's radical experimentalism and Hollywood musicals, and also offers a sensitive history about how we think of being together and creating together. In the context of such significant works that make us think that dance is a distinctively 21st century phenomenon, we find other examples in the previous ten editions of GUIdance. For example, "Grind", by Jefta van Dinther (presented in 2014) that reveals the hypnotic possibility of the body's movement, even when it appears to remain static, or indulges in brief repetitive variations, rocking back and forth in a careful game of use and projection of light, which manipulates our perception as we look at movement, generating echoes and physical reverberations.
Death lurks within these works, to the same extent that vibrant life also claims its existence, demanding a critical spirit in relation to how to live, both at the formal level of art and at the level of the issues / contents addressed. The dance of the last ten years of GUIdance tells us about the power of the imagination, and how each new artistic creation, even if it affirms authorial uniqueness, is constituted from a constantly refreshed formula, combining variables that articulate an issue and are rarely formulated in a linear narrative that aims to deceive us. Portuguese dance has affirmed this maturity and diversity, that over the last ten years includes the likes of Victor Hugo Pontes, Útero, Tânia Carvalho, Marlene Monteiro Freitas, Jonas & Lander....

Projecto continuado ©Paulo Pacheco

GUIDANCE 10 ANOS

Babel | Sid Larbi Cherkaoui & Damien Jalet © Direitos Reservados

2011

Au-Delà | Les Ballets C de la B / Koen Augustijnen © João Octávio Peixoto

2012

A Ballet Story | Victor Hugo Pontes © Susana Neves

2013

Fica no Singelo | Clara Andermatt © Paulo Pacheco

2014

A Tecedura do Caos | Tânia Carvalho © Michel Cavalca

2015

Kaash | Akram Khan © Jean Louis Fernandez

2016

Speak low of you speak love | Wim Vandekeybus © Danny Willems

2017

Autobiography | Wayne McGregor © Andrej Uspenski

2018

Fraternidade I e II | Útero © Pedro Figueiredo

2019

Henri Michaux: Mouvements | Marie Chouinard © Sylvie-Ann Paré

2020

Século XXI: Um misterioso corpo...

É um corpo estranho, uma misteriosa coisa… este do trabalho que Vera Mantero tem vindo a desenvolver há mais de 30 anos. Refiro-me ao corpo que Vera reconfigura a cada nova criação, entre as peças de grupo e os solos que compõe para si própria. Um corpo sempre mergulhado em perguntas, num pensar e sentir que nos deixa perplexos perante as aberrações do mundo, como a cegueira do capitalismo ou o descuidar a importância do que damos por adquirido e que realmente nos vai fazer falta. Vera Mantero é a coreógrafa em destaque na 10ª edição do GUIdance, marcando presença com duas peças: um solo em reposição – "Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional" (2012) – e a estreia absoluta da versão de palco de "Esplendor e Dismorfia" com Jonathan Uliel Saldanha.
No exercício de alteridade que marca toda a obra de Vera Mantero, e nessa pluralidade afirmando uma coerência desconcertante, é sempre tentador regressar ao título de uma das suas primeiras criações, reformulando uma frase de "À Espera de Godot", de Samuel Beckett, "Talvez ela pudesse pensar primeiro e dançar depois" (1991). É tentadora a referência porque se revela visionária de todo um percurso onde simultaneamente se digladiam e harmonizam pensamento e ação, razão e sentimento, numa sincera e vital procura e questionamento. Mas a raiz de tudo isto está mais atrás, está logo na primeira peça, num afirmar sincero de quem se lança para o acto criativo como quem lança dúvidas e incertezas, abraçando a procura de forma genuína e aceitando a viagem como geradora de conteúdo.
Vera dançava ainda no Ballet Gulbenkian quando faz uma primeira experiência coreográfica a que dá o título, esclarecedor, de "Ponto de Interrogação" (1987). Ao fim de todos estes anos, esse ato inquiridor permanece intocável e autêntico, ato gerador de cada nova obra que se interroga a si própria e interroga as questões mais elementares deste estar no mundo.

—
Cláudia Galhós

—
Centro Cultural Vila Flor e Centro Internacional das Artes José de Guimarães

© Luís da Cruz

Depois de uma edição que provou a ligação de confiança entre a dança e o público de Guimarães, com um GUIdance 2019 maioritariamente constituído de estreias absolutas de criadores portugueses, 2020 faz-se de reforço e aprofundamento, no alcance de uma maioridade que reafirma um compromisso de Rui Torrinha, diretor artístico do festival, de resgatar a diversidade. Diversidade na articulação entre novos criadores e presenças consagradas: de Joana Castro e o seu "Rite of Decay" ou Elizabete Francisca e o seu "Dias Contados", passando pela apresentação dessa peça maior de Marlene Monteiro Freitas, que é "Bacantes", a estreia absoluta de uma nova criação de Tânia Carvalho, "onironauta". Na edição dos dez anos, regressa Akram Khan, com "Outwitting the Devil" (a peça inaugural do vocabulário de Akram Khan, "Kaash", de 2002, foi apresentada no GUIdance de 2016) e a estreia no GUIdance da canadiana Marie Chouinard com duas peças particularmente significativas do seu repertório: "A Sagração da Primavera" (peça de 1993, que remontou para o extinto Ballet Gulbenkian em 2003, num acto inédito em que se estreia na transmissão de uma obra sua para uma outra companhia) e "Henri Michaux: Mouvements" (2011).

6 Fev

21h30 · CCVF · TÂNIA CARVALHO Onironauta

7 Fev

21h30 · CCVF · VERA MANTERO E JONATHAN ULIEL SALDANHA
Esplendor e Dismorfia · [Estreia Nacional]

8 Fev

18h30 · CIAJG · JOANA CASTRO Rite of Decay
[Estreia Absoluta]

8 Fev

21h30 · CCVF · AKRAM KHAN COMPANY Outwitting the Devil · [Estreia Nacional]

Esta é uma décima edição maioritariamente no feminino, num elogio que encontra eco no género das palavras dança e criação – a amplitude das possibilidades de expressão do corpo também cabem aqui, nesta perspetiva no feminino, se tivermos em conta um debate atual sobre a tendência mais falocêntrica e de estrutura hierarquizada mais austera e masculina do bailado por contraponto com o desejo de igualdade, partilha e aventura do contemporâneo, traduzido nas palavras femininas dança e criação. Do elenco de coreógrafas, encontramos duas exceções: Vítor Roriz que faz parte da dupla Sofia Dias & Vítor Roriz, que apresenta "O que não acontece" (de 2019), interpretada pelos dois; e Akram Khan com a sua última criação de grupo, "Outwitting the Devil", em que um dos materiais de pesquisa fundadores da peça é a pintura "The First Supper" da australiana Susan Dorothea White, de 1988, que reformula a imagem icónica de "A Última Ceia", de Leonardo Da Vinci, de 1490, substituindo por mulheres as figuras na pintura e inscrevendo nessa narrativa também a problematização do colonizador, do opressor e a nova era do Antropoceno e as alterações climáticas.

12 Fev

21h30 · CCVF · VERA MANTERO Os Serrenhos do Caldeirão, Exercícios em Antropologia Ficcional

13 Fev

21h30 · CCVF · MARLENE MONTEIRO FREITAS
Bacantes – Prelúdio para uma Purga

14 Fev

21h30 · CCVF · SOFIA DIAS & VITOR RORIZ
O que não acontece

15 Fev

16h00 · CIAJG · FERNANDA FRAGATEIRO E ALDARA BIZARRO
Caixa para Guardar o Vazio

21st Century: A mysterious body…

It is a foreign body, a mysterious thing ... that is the best way to describe Vera Mantero's work over the past 30 years. I'm referring to the body that Vera reconfigures within each new work, between group works and solos that she composes for herself. A body that is always steeped in questions, in thinking and feeling that perplexes us in relation to the aberrations of the world - such as the blindness of capitalism or neglect of the importance of the things that we take for granted, and that we really need. Vera Mantero is the featured choreographer at the 10th edition of GUIdance. She will present two works: one solo that she will present again – "The Caldeirão Highlanders, exercises in fictional anthropology" (2012) – as well as a world premiere of the stage version of "Splendour and Dysmorphia", with Jonathan Uliel Saldanha.

In the exercise of otherness that marks all of Vera Mantero's oeuvre, and in this plurality which affirms her disconcerting coherence, it is always tempting to return to the title of one of her earliest creations, that reformulates a phrase from Samuel Beckett's "Waiting for Godot," "Maybe she could think first and dance later "(1991). The reference is tempting because it reveals an entire path in which thought and action, reason and feeling are simultaneously digested and harmonised, in a sincere and vital process of searching and questioning. But the roots date far back, to her first work, in sincere affirmation of someone who has launched herself into the creative act like someone who casts doubts and uncertainty, genuinely embracing the enquiry and accepting the journey as a way to generate content. Vera was a dancer with the Ballet Gulbenkian when she developed her first choreographic experiment, which she revealing titled "Question Mark" (1987). After all these years, her process of enquiry continues to be untouched and authentic, as the generating act of every new work that questions itself and questions the most elementary questions of its being in the world.

After GUIdance 2019, which confirmed the relationship of trust between dance and audiences in Guimarães, and primarily consisted of world premieres by Portuguese artists, 2020 is reinforced and extended. It now attains a maturity that reaffirms the commitment to redeem diversity by the festival's artistic director, Rui Torrinha. Diversity in terms of articulation between new artists and well-established choreographers: such as Joana Castro who presents "Rite of Decay" or Elizabete Francisca who presents "Dias Contados (Borrowed Time)", and includes presentation of "The Bacchantes" a major play by Marlene Monteiro Freitas, and the world premiere of a new work by Tânia Carvalho - "onironauta".

In the tenth edition, Akram Khan also returns with "Outwitting the Devil" (Akram Khan's first play "Kaash" (2002) was presented in GUIdance 2016) as well as the debut in GUIdance by the Canadian Marie Chouinard, with two particularly significant works from her repertoire: "The Rite of Spring" (1993) (which dates back to the former Ballet Gulbenkian, in 2003, in an unprecedented act in which she began by transmitting one of her works to another company) and "Henri Michaux: Movements "(2011).

The tenth edition primarily includes works by women choreographers, in a eulogy that finds its echo in the Portuguese feminine nouns, dança (dance) and criação (creation). This also encompasses the extension of the body's possibilities of expression, from a feminine perspective, if we take into account the current debate about the phallocentric trend, and a more austere and masculine hierarchical structure of the ballet, in counterpoint to the desire for equality, sharing and adventure of the contemporary era, translated through these feminine nouns,, dança (dance) and criação (creation). There are two male choreographers in the 2020 festival: Vítor Roriz, member of the duo Sofia Dias & Vítor Roriz, which will present "What Doesn't Happen" (2019), performed by both; and Akram Khan who will present his latest group work, "Outwitting the Devil". For the latter work, he uses as one of his core research materials the Australian painting "The First Supper" (1988) by the Australian Susan Dorothea White, which reshapes the iconic image of Leonardo Da Vinci's "The Last Supper" (1490), replacing the figures in the painting with women and including in this narrative the problematisation of the coloniser, oppressor and the new age of the Anthropocene and climate change.

15 Fev

18h30 · CIAJG · **ELIZABETE FRANCISCA** Dias Contados
Estreia Absoluta]

15 Fev

21h30 · CCVF · **COMPAGNIE MARIE CHOUINARD**
The Rite of Spring + Henri Michaux: Mouvements

16 Fev

[Estreia Nacional]
16h00 · CCVF · **NAÏF PRODUCTION** Des gestes blancs [Estreia Nacional]

ASSINATURAS DO FESTIVAL

3 espetáculos
(à escolha)
20,00 eur

5 espetáculos
(à escolha)
30,00 eur

Transmissão
Patrícia Almeida, obras 2001-2017

Patrícia Almeida, da série 'Locations' (2007)

—
Ivo Martins

—
Palácio Vila Flor

Quando um autor desaparece extemporaneamente, qualquer exibição dos seus trabalhos encerra diversos perigos, principalmente os que convocam sentimentos de perda. Admitir esta tendência equivale a afirmar que a exposição teria um objetivo determinado, o que não é o caso. No início, existiam apenas alguns rudimentos de ideias, provenientes de um estranho sentimento de urgência, estimulado por uma vontade de mostrar uma autora que tinha trabalhado um núcleo de imagens singulares, cujo sentido foi deixado em aberto pelo seu desaparecimento precoce.

A exposição de Patrícia Almeida é um exercício de observação. Reúne um corpo de trabalho forte e abrangente, organizado numa sequência alargada de imagens que exprimem as diversas facetas de uma obra. Com esta mostra pretende-se lançar um desafio ao espectador mais desprevenido, convidando-o a fundir-se com o olhar observador e atento da artista, materializado numa fusão de papéis, nos quais Patrícia Almeida e o recetor são levados a interrogar-se numa aprendizagem transformadora, face aos sinais do tempo.

Considerando-se que todos os sistemas de ideias, logo após a sua constituição, encetam de imediato uma luta pela própria sobrevivência, as obras desta artista apresentam uma serenidade pacífica, mostrando lugares desprovidos de intensidade e tensão existencial: as pessoas surgem assim como entidades ausentes não dependentes da obrigatoriedade de possuírem seguidores; o indivíduo descobre o seu lugar na sociedade do rendimento que tudo abarca, através de uma atitude de exclusão. As fotografias revelam uma ideia de vazio, de falta de confronto ideológico, sugerindo posicionamentos superiores e elevação dos espíritos para dimensões subjetivas assentes em

...Patrícia Almeida e o recetor são levados a interrogar-se numa aprendizagem transformadora, face aos sinais do tempo.

interioridades pessoais e solitárias. Num mundo cada vez mais competitivo, o êxito dos mais fortes é uma tentação com uma enorme força atrativa; exprime ideologias de supremacia que se têm difundido um pouco por todo o lado; este facto pressupõe desvios na igualdade, através da intensificação de uniformidades. Os desequilíbrios provocados pelos sistemas maioritários geram conflitos sociais, económicos, políticos, culturais... em contexto excessivamente homogéneos, exigindo do sujeito mais lúcido distanciamentos, face aos poderes instalados; as paisagens urbanas e não urbanas refletem cada vez mais esta realidade. As fotografias expostas mostram, de forma hábil, como as sociedades atuais, depois de consolidadas e institucionalizadas, são incapazes de moderar o impacto das estratégias de poder: como não conseguem conter as ambições de influência ou tendências populistas, põem cada vez mais a descoberto espaços de ninguém, nuns casos saturados de informação

Patrícia Almeida, da série 'All Beauty Must Die' (2010)

noutros abandonados à espera de novas utilidades, embora todos eles, controlados e vigiados.
Nesta exposição, as obras da artista representam um amplo processo de reflexão crítica, centrado no sujeito que assume o papel de testemunha numa narrativa sem personagens. Esta descreve a história de um ser que tem de partilhar um conhecimento constantemente desatualizado, num mundo enigmático e transitório. A atividade crítica fica assim, circunscrita a uma única pessoa (a autora) que chama a si a responsabilidade de dar voz a um conjunto de emoções e pensamentos, expressos numa mundivisão que denuncia radicalidade e violência. Estas fotografias traduzem as enormes qualidades humanas da artista que, fazendo sobreviver a sua arte em espaços ambíguos de desassossego e inquietação, projeta-os em visões, ora contraditórias ora sensíveis, baseadas no enorme potencial da verdade.

Patrícia Almeida, da instalação 'My life is going to change' (2014)

Apoios
Fundação Calouste Gulbenkian
República Portuguesa - Cultura I DGARTES – Direção-Geral das Artes

EM MARÇO

SEX 6

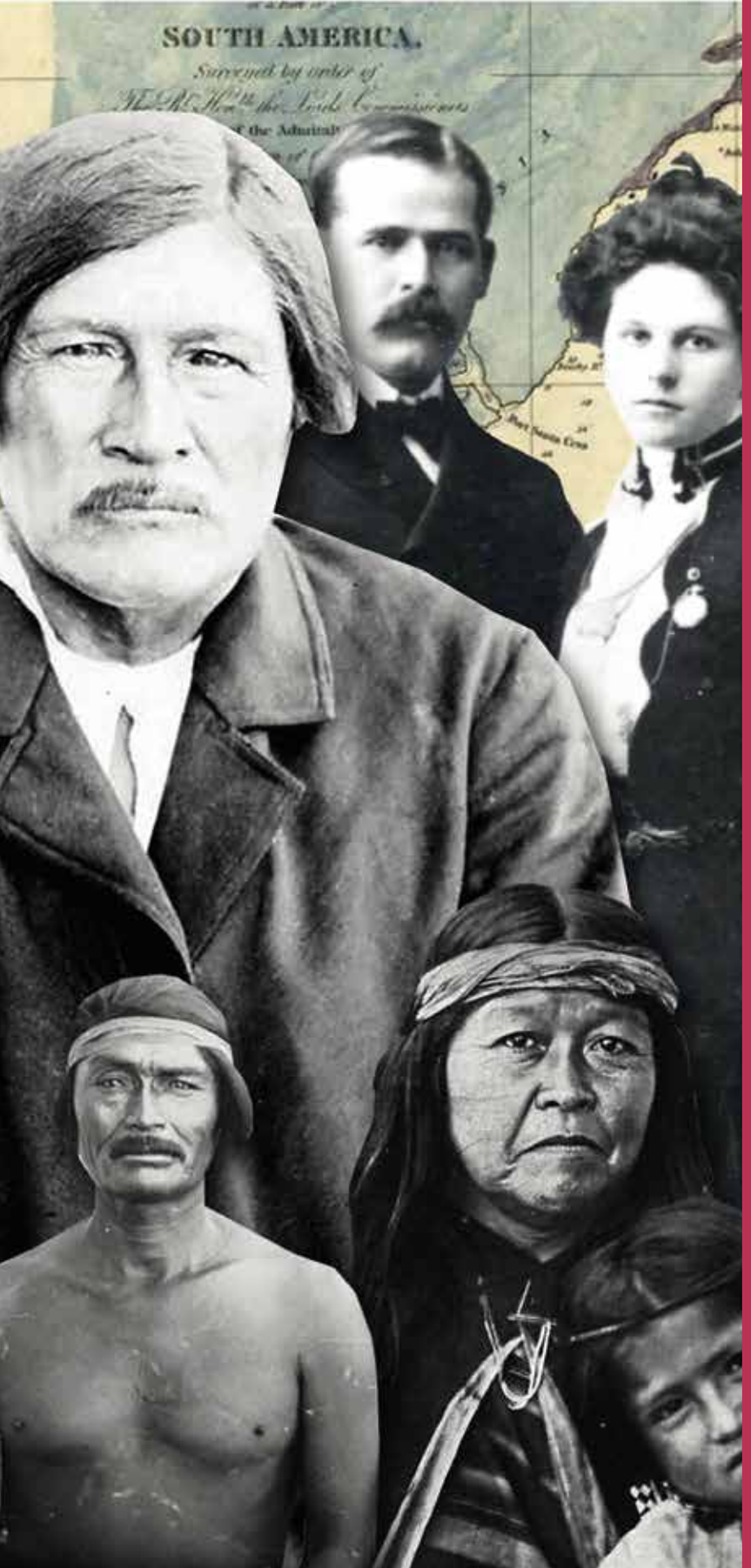
19H00
CCVF / Palácio Vila Flor
Exposição [ATÉ 31 JUL]
Transmissão
Patrícia Almeida, obras 2001-2017

2,00 eur / 1,00 eur c/d

Patrícia Almeida, do vídeo 'Today, I am just a butterfly sending you a sentence' (2015)

Transmission
Patrícia Almeida, works 2001-2017

When an artist dies prematurely, any exhibition of their work involves various dangers, especially those that incite feelings of loss. Admitting this tendency is equivalent to stating that this exhibition perhaps has a specific purpose, which is not the case. At first, we only had a few rudimentary ideas, stemming from a strange sense of urgency, spurred on by a willingness to show works by an artist who had developed a core set of unique images, whose meaning was left open by her untimely death.
Patrícia Almeida's exhibition is an exercise in observation. It combines a strong and comprehensive body of work, organised in a broad sequence of images that express various facets of her oeuvre. The exhibition aims to challenge unprepared spectators, inviting them to merge with the artist's observant and attentive gaze, materialised by blending roles, in which Patrícia Almeida and the beholder are encouraged to question themselves, in a transformative learning process, in relation to signs of our epoch.
Considering that all idea-based systems, immediately after being constituted, commence a struggle for their own survival, Almeida offer us a peaceful serenity, revealing places that are devoid of existential intensity and tension. People appear to be absent entities, not dependent on the obligation to have any followers. The individual discovers his place in the income-driven society, that addresses everything through an attitude of exclusion. Her photographs reveal an idea of emptiness, an absence of ideological confrontation, suggesting higher positions and elevation of the spirit to subjective dimensions, based on personal and solitary interior universes. In an increasingly competitive world, the success of the strongest is an extremely attractive temptation. It expresses ideologies of supremacy that have spread far and wide. It presupposes deviations in equality, through intensification of uniformity. The imbalances caused by majority-rule systems generate social, economic, political, cultural conflicts ... in excessively homogeneous contexts, that demand distancing from the most lucid subjects, in relation to established powers. Urban and non-urban landscapes increasingly reflect this reality. The photographs on display skilfully show how today's societies, once consolidated and institutionalised, are unable to moderate the impact of power strategies. Given that they cannot contain ambitions for influence or populist tendencies, they increasingly uncover no-man's lands, in some cases saturated with information, in other cases abandoned, waiting for new uses, while all of them are controlled and observed.
In this exhibition, the artist's works represent a broad process of critical reflection, focused on the subject, who assumes the role of a witness in a character-free narrative. It describes the story of a being who has to constantly share outdated knowledge in an enigmatic and transitory world. Critical activity is thereby confined to a single person (the author) who assumes responsibility for giving a voice to a set of emotions and thoughts, expressed in a worldview that denounces radical views and violence. These photographs reflect the tremendous human qualities of the artist who, by ensuring that her art survives in ambiguous spaces of restlessness and restlessness, project them into sometimes contradictory and sometimes sensitive visions, based on the enormous potential of truth.



Tierras del Sud © Direitos Reservados

Perspetivas sobre o PODER

parte I

—
Rui Torrinha
—
Centro Cultural Vila Flor

As artes abrem-nos portas na perceção do mundo, ampliam modos de relação e geram em nós uma capacidade de viver novos contextos, possibilitando temer menos o desconhecido e a impermanência, condição inegociável da vida na terra.

As artes são (também) a mais potente ferramenta de combate à barbárie, comportamento que se pretende erradicado do homem contemporâneo e da sociedade do futuro.
O despertar da sensibilidade e das múltiplas formas de expressão são condições essenciais para que o desenvolvimento de uma comunidade inteligente prospere. Missão que nos leva a trabalhar a incompreensão e a intolerância que apertam cada vez mais o nosso círculo.
Assim, impulsionados pela cosmogonia, decidimos ao longo de 2020, percorrer um trilho comandado por uma das maiores formas universais de intervenção na relação com as mais diversas temáticas: o poder. Sempre com o corpo no centro.
A verdade é que o poder exerce sobre nós um fascínio que ultrapassa o domínio do racional, ou de qualquer lúcida explicação, movendo-se no eixo entre a utopia e seu outro extremo, a distopia. E neste corredor de possibilidades, espreitaremos o caos por si provocado ou de igual modo, o esplendor de si resultante.
Começaremos pois pela origem (geográfica) da identidade, a terra, ou o lugar onde nos permitimos criar o ponto de partida para a elaboração do eu e do nós, ou seja, do sentido de comunidade.
Tierras del Sud da companhia hispano-chilena Azkona Toloza aborda o exercício do poder sob a forma de novo colonialismo, através de uma peça de teatro documental que retrata a situação da Patagónia e do capitalismo selvagem que se abate sobre os povos indígenas lá residentes. Uma obra tão forte que tem vindo a influenciar o rumo dessa mesma história.
No passo seguinte, moveremos o olhar do poder sobre a posse da terra para o poder da construção da sociedade e seus valores, com a genial escrita de Shakespeare em ***~~A Tragédia de~~ Júlio César***. Uma obra que fala de tirania, de vida privada e responsabilidade pública, fala de política e da imensa tensão entre política e moral. E neste jogo de poder, o espectador será invadido por novas perspetivas dos nexos políticos e valores que o nosso tempo parece forçar ao esquecimento.
E após mergulho na sociedade, atomizaremos um pouco o nosso olhar ao dirigi-lo sobre o indivíduo e sua complexa luta pelo poder, onde poesia e violência podem caminhar lado a lado. Tudo isso estará refletido em ***Eins Zwei Drei*** de Martin Zimmermann, num universo onde a relação entre dois personagens será sempre afetada por um terceiro. Em jogo estará a autoridade, a submissão e a liberdade.
A terra (propriedade), a sociedade e o indivíduo enquanto temáticas que traçam perspetivas de atualização sobre o exercício de poder no contexto atual. Trilogia que forma a primeira parte desta linha de programação que terá continuidade no último quadrimestre do ano.

A verdade é que o poder exerce sobre nós um fascínio que ultrapassa o domínio do racional...

Perspectives on Power - part I

The arts are (also) the most potent tool to combat barbarism, a type of behaviour that must be eradicated from contemporary man and from future society.
Awakening sensitivities and multiple forms of expression are essential conditions for the successful development of an intelligent community. This mission leads us to work with misunderstanding and intolerance that increasingly restricts our circle.
Therefore, driven by cosmogony, we have decided that in 2020 we will follow a path governed by one of the largest universal forms of intervention in relation to a wide array of different topics: power. Always with the body in the centre.
Power exerts a fascination upon us, that extends beyond the domain of the rational, or any lucid reasoning, and occupies the axis between utopia, and its other extreme, dystopia. In this corridor of possibilities, we can peek at the chaos that power has provoked or its resulting splendour.
We will start with the (geographical) origin of identity - the land - or the place where we allow ourselves to create the starting point for the elaboration of the "self" and of "us", i.e. our sense of community. ***Tierras del Sud*** by the Spanish-Chilean theatre company, Azkona Toloza, discusses the exercise of power in a new form of colonialism, within a documentary stage play that portrays the situation of Patagonia and the savage capitalism that has engulfed the lives of the indigenous peoples. The work is so powerful that it has influenced the course of the place's history.
In the next step, we will move our perspective from power over land to the power to build society and its values, in Shakespeare's brilliant play, ***~~The Tragedy of~~ Julius Caesar***. This work talks about tyranny, private life and public responsibility, about politics and the huge tension between politics and morals. In this game of power, the viewer will be invaded by fresh perspectives regarding the political nexus and the values that our epoch seems to be forcing into oblivion.
After delving into society, we will atomise our gaze - as we direct it towards the individual and his/her complex struggle for power, in which poetry and violence can go hand in hand. All of this will be reflected in Martin Zimmermann's ***Eins Zwei Drei***, in a universe in which the relationship between two characters will always be affected by a third. The issue at stake will be authority, submission and freedom.
Land (property), society and the individual are the themes that will outline perspectives for updating our understanding of the exercise of power in the contemporary context. A trilogy that forms the first part of this line of programming that will continue in the last quarter of 2020.

© Miprimerdrop

© Tuna_TNSJ

© Augustin Rebetez

EM FEVEREIRO

SÁB 22
21H30 / CCVF
Teatro
Tierras del Sud
Azkona & Toloza

10,00 eur / 7,50 eur c/d

EM MARÇO

SEX 6
21H30 / CCVF
Teatro
~~A Tragédia de~~ Júlio César
Luís Araújo
Ao Cabo Teatro

10,00 eur / 7,50 eur c/d

SEX 27
21H30 / CCVF
Circo Contemporâneo
Eins Zwei Drei
Martin Zimmermann

10,00 eur / 7,50 eur c/d

A unificação pela diversidade

O exercício de imaginar como terá sido o momento original da criação musical é espaço suficiente para infinitas especulações. O momento em que assistimos a um concerto é permeável a deambulações, que sugerem reflexões sobre como se chegou ali – alguém, num ponto destacado perante outros, que recebem o que é partilhado.
Como terá sido a origem de tudo, a partir da altura em que se percebe que, ao percutir uma superfície ou fazer vibrar uma fibra, se causa uma reação – um som e como esses sons se combinam?

—
Paulo Dumas

—
Centro Cultural Vila Flor

A expressão musical começou por ser veículo de reunião e de celebração. O que terá mudado e se terá diversificado foram os significados. A música foi espiritual, religiosa, foi entretenimento, foi política e interventiva e no meio de tudo isto a música conseguiu fazer-se arte.

É um pouco pela busca da diversidade que se chega ao conjunto de propostas de programação de música, para os primeiros quatro meses de 2020. São propostas que, colocadas umas ao lado das outras, permitem uma perspetiva quase cubista do que pode ser a música na atualidade – irreverente, declamativa, contemplativa, etérea.

Sabemos hoje que a música é por vezes um subterfúgio. Sabemo-lo graças a Dylan, Drake, Cohen, Joni Mitchell ou Laurie Anderson. Dessa mesma escola vem o californiano M. Ward, cujo período de maior exposição terá sido durante a existência do duo She & Him. Mas é a partir da sua discografia a solo que se descobre a sua missão essencial, com destaque para 'Post-War', disco de 2006, onde se encontram versos desarmantes como *I know when everything feels wrong / I've got some hard, hard proof in this song.*

M. Ward vem a Guimarães mostrar a sua mais recente coleção de canções, que fazem parte do décimo álbum da sua carreira a solo e que muito sugestivamente se chama 'Migration Stories'.

Das variáveis discretas passamos para as variáveis categóricas, por se distinguirem das restantes. Abril reserva-nos a apresentação a solo de **Matt Elliott**. Figura que partiu da fervilhante cena de Bristol do final do milénio, Elliott partiu das eletrónicas efervescentes e com os Third Eye Foundation (recentemente reativados) e mais tarde deixou-se encantar pela folk etérea, de que se destaca 'Drinking Songs', disco de 2004. A Guimarães trará os novos temas, que serão editados no primeiro trimestre de 2020, no disco 'Farewell to all we know'.

© Wrenne Evans

© Direitos Reservados

© Kenton Thatcher

Na mesma linha do que se arrisca aqui chamar de nova música de câmara, está o projeto do músico e produtor David Moore – Bing & Ruth. Também com um novo disco, Moore faz-se acompanhar de um ensemble de músicos. Sons de piano sintetizados juntam-se com instrumentos de cordas, explorando as suas raízes como compositor de base clássica.

Continuando pelo conjunto de propostas em português, março será altura de ouvir ao vivo **Camané e Mário Laginha**, para apresentar 'Aqui Está-se Sossegado' – um disco que ficará bem colocado ao lado de um outro, que juntou Carlos do Carmo e Bernardo Sassetti. São ambos dois artistas com carreiras absolutamente incontornáveis e esta oportunidade de os ver juntos é imperdível.

É um pouco pela busca da diversidade que se chega ao conjunto de propostas de programação de música, para os primeiros quatro meses de 2020.

Os portugueses **Capitão Fausto** usam tanto a música como a palavra para espelhar a sociedade em que nos misturamos todos, recorrendo a várias figuras de estilo. A banda está diferente, como diferentes se fizeram cada um dos seus álbuns, que definem uma linha de união de pontos, desde a uma idade iniciática até à idade adulta.

Afonso Cabral aproveitou um intervalo dos We Can't Win, Charlie Brown para escrever a sua 'Morada'. O idioma é agora o português, tendo-lhe tomado o gosto depois de ter escrito 'Perto', para o disco de Cristina Branco. 'Morada' mantém-se num registo pop elegante, com arranjos a fazer lembrar Jean-Pierre Ferland, no início da carreira.

A capacidade unificadora da música e da arte é algo que, nos dias que correm, deverá fazer com que analisemos o estado da Humanidade e o que percorremos para aqui chegar. A música continua a ter o poder de unir e de agregar. Uma linguagem comum, percetível, transversal, universal e apesar disso continua a transformar-se em personalidades únicas, que nos impele para a descoberta de novas cambiantes.

© Vera Marmelo

© Direitos Reservados

Unification Through Diversity

If we try to imagine the moment when music was made for the first time this leads to endless speculation. Whenever we listen to a concert it opens up multiple paths that suggest reflections on how we got there – how we became someone, in a prominent position vis-a-vis others, able to receive what is shared.

What was the first moment when music was made like? At what moment did people realise that beating a surface or making a string vibrate would cause a reaction - a sound, and imagine how these sounds could combine?

Musical expression began as a means of bringing people together and for celebration. It's the meanings that have changed and diversified. Music was spiritual, religious, entertainment. It was political and interventionist. And in the midst of everything, music became art.

The set of music proposals for the first four months of 2020 is partly based on this search for diversity. These are proposals that, when placed side-by-side, deliver an almost cubist perspective of what music can be in the modern day - irreverent, declamatory, contemplative, ethereal.

We know that music can sometimes be a subterfuge - thanks to Dylan, Drake, Cohen, Joni Mitchell or Laurie Anderson. This tradition spawned the Californian, M. Ward, whose period of greatest media exposure was as one-half of She & Him. But we discover his essential mission from his solo albums, in particular 'Post-War' (2006), which includes disturbing verses such as *I know when everything feels wrong / I've got some hard, hard proof in this song*.

In Guimarães, M. Ward will perform his latest collection of songs, taken from his tenth solo album, that is suggestively called 'Migration Stories'. From discrete variables we pass to categorical variables, that stand out from the rest.

In April, Matt Elliott will present a solo performance. A figure from Bristol's bustling late-Nineties music scene, Elliott began his career with effervescent electronics and the Third Eye Foundation (recently re-activated) and later became enamoured with ethereal folk, in particular in his 2004 album, 'Drinking Songs'. He will perform new songs in Guimarães from his next album, 'Farewell to all we know', to be released in the first quarter of 2020.

In the same vein of ground-breaking music, the musician and producer, David Moore, will present his new project, Bing & Ruth, an ever-changing chamber music ensemble. Moore will also present a new album, accompanied by a group of talented musicians. Synthesised piano sounds will blend with string instruments, as he explores his roots as a classical-based composer.

In terms of talent from Portugal, in March there will be a live performance by Camané and Mário Laginha, who will present 'Aqui Está-se Sossegado' - a record that offers a perfect match to another album, by Carlos do Carmo and Bernardo Sassetti. Camané and Mário Laginha have outstanding careers and the chance to see them perform together is a not-to-be-missed opportunity.

The Portuguese band, Capitão Fausto, uses their music and lyrics to mirror contemporary society, experimenting with various figures of style. The band has a new line-up, as has been the case for each of their previous albums, which allow us to connect the dots, from their early age to adulthood.

Afonso Cabral took a break from the band We Can't Win, Charlie Brown to write 'Morada'. He's now working in Portuguese, after whetting his appetite with 'Perto' that he wrote for Cristina Branco's new album. 'Morada' maintains an elegant pop style, with arrangements that are reminiscent of Jean-Pierre Ferland's early career.

The unifying capacity of music and art is something that should make us analyse the state of humanity today and the road we've travelled down to get here. Music continues to have the power to unite and to bring people together. It offers a common, perceptible, transversal, universal language, which nevertheless continues to be transformed into unique personalities, that impel us to discover new endeavours.

EM JANEIRO

SÁB 25
21H30 / CCVF
Capitão Fausto
10,00 eur / 7,50 eur c/d

EM FEVEREIRO

SÁB 1
21H30 / CIAJG
M. Ward
7,50 eur / 5,00 eur c/d

EM MARÇO

SÁB 14
21H30 / CCVF
Camané & Mário Laginha
Aqui Está-se Sossegado
10,00 eur / 7,50 eur c/d

SEX 20
23H00 / CCVF
Afonso Cabral
5,00 eur / 3,50 eur c/d

EM ABRIL

SEX 3
23H00 / CCVF
Matt Elliott
5,00 eur / 3,50 eur c/d

Onde o Cinema Habita

Ao longo dos seus mais de 100 anos de existência, o Cinema tem experimentado diferentes meios técnicos, formas e espaços de exibição.

—
Direção do Cineclube de Guimarães

—
Centro Cultural Vila Flor

Essas alterações têm mudado e condicionado a atitude do público em relação à Sétima Arte, tornando a individualização do visionamento dos filmes como mais uma das liberdades de escolha – dizem que é o mercado... –, onde cada espectador se sente o programador dos filmes que pretende ver. Se já tivemos o vhs e o dvd no videoclube, temos hoje nas plataformas streaming, uma infinitude de ofertas que reforçam a estratégia, também comercial, do home-cinema, bem apoiada nos mais diversos tipos e sofisticados ecrãs e respetivos sistemas de som, alimentando ao mesmo tempo no utilizador o bem conhecido fetiche da tecnologia. Sendo verdade que o importante é ver bom cinema, é útil que não se deixe de considerar que a deslocação a uma sala não é um sacrifício dispensável, mas, bem pelo contrário, o cumprimento de um ritual já antigo, mas essencial ao fruir de uma obra artística em toda a sua plenitude. Na realidade, a maioria dos filmes é pensada, num primeiro tempo, para as salas de cinema, local onde a relação com o grande ecrã desperta outras e mais impressivas emoções – apesar de estarmos com muitos outros – e onde o foco na grande imagem nos absorve totalmente. Os objetos e forma como com eles nos relacionamos, estão dependentes do contexto em que se encontram. José Augusto França, no seu livro "Selfmade Mith", dizia que Charlie Chaplin nunca se teria tornado um mito, se os seus filmes tivessem sido vistos em casa, no meio de distrações domésticas, bebidas e biscoitos. A sala escura, com o seu silêncio, possibilita a intimidade com o filme, a transcendência que a arte contém e o recolhimento a que apela. Nos dias de hoje, em muitas salas de cinema nem sempre o ambiente é favorável a esta intimidade com a obra cinematográfica. Todavia, é em locais como as cinematecas, salas chamadas de culto e em cineclubes onde é possível (re) encontrar a atmosfera mágica que a cultura cinematográfica possui. É por estes sítios que o cinema habita…

A sala escura, com o seu silêncio, possibilita a intimidade com o filme, a transcendência que a arte contém e o recolhimento a que apela.

© Direitos Reservados

The Home of Cinema

In its over 100 years of existence, cinema has explored many different technical resources, forms and exhibition spaces. These alterations have changed and conditioned audiences' attitudes towards the Seventh Art. Individual viewing of films is one more freedom of choice – we may say of the market ... – in which viewers feel that they are the programmers of the films they want to see. In the past we had VHS tapes and DVDs in video clubs. Today we have streaming platforms, with a multitude of offers that reinforce the strategy of home cinema, which is also a commercial strategy and is well supported by a wide array of sophisticated screens and their sound systems, that simultaneously nourish consumers' well-known technological fetishes. While it is true that the most important thing is to see good films, it is useful to remember that a trip to a cinema is not an unnecessary sacrifice. On the contrary, it fulfils an old ritual, that is essential to enjoy the work of art in all its fullness. In fact, most films are primarily intended to be seen in the cinema, where the relationship with the big screen arouses other, more impressive emotions - even in the company of many other people – in which focusing on the big screen completely absorbs us. Objects and how we relate to them are dependent on the context in which we find them. José Augusto França, in his book, "Self-made Myth", said that Charlie Chaplin would never have become a myth if his films had been viewed at home, in the midst of domestic distractions, drinks and biscuits. The dark movie theatre, with its silence, engenders an intimate relationship with the film, the transcendence that art contains and the recollection it appeals to. Nowadays, in many movie theatres the atmosphere is not always favourable to this intimate relationship with the cinematographic work. However, in places such as cinematheques, arthouse cinemas and film societies one can still (re) encounter the magical atmosphere of film culture. They are the home of cinema…

Westway LAB: Um festival em três dimensões

WL.

Juntando vários domínios do processo de produção musical, que vai desde a criação artística até à mostra do trabalho de artistas emergentes e consagrados, passando por reflexões sobre as transformações e os desafios colocados ao setor da produção musical, em altura de iniciação de uma nova década, o Westway LAB tem-se afirmado pela sua unicidade.

Na sua sétima edição, o Westway LAB reforça o seu caráter de festival de música, envolvendo a cidade de Guimarães, ligando-a de certo modo a 18 outras cidades europeias, onde se realizam festivais integrados na rede INES. Sendo um festival de cidade, urbano, o festival em Guimarães é o nó de uma rede de interação vasta, que permite a circulação de artistas por toda a Europa.

Em 2014, quando se realizou a primeira edição, o Westway LAB surgiu com a ideia inovadora de ser mais do que um festival de concertos. A ambição passava por ser também o momento de criação e de reflexão, alimentando um programa durante os dias de uma semana. A partir de Guimarães passavam a criar-se condições para o desenho de novas trajetórias tanto para músicos como demais profissionais do setor.

O seu aparecimento revelou-se uma experiência pioneira, que se desenvolveu e que criou bases colaborativas, a partir do diálogo entre todo o tipo de agentes. Eram três as dimensões de partida, que se mantêm nos dias de hoje: o processo, o pensamento e o produto. Nestas três dimensões desenha-se todo o percurso da obra criada, desde a sua conceção até à sua apresentação.

—
Paulo Dumas

—
Centro Cultural Vila Flor

Mantendo as mesmas características fundadoras e aquelas mesmas três dimensões, o festival tem a agora ambição de se miscigenar com a cidade, no sentido de se transformar num festival urbano. Será através da dimensão que privilegia o contacto dos artistas com o público, que mais se mostrará o festival, com concertos a decorrer no Centro Cultural Vila Flor e na cidade, criando condições para sobre ela se abrirem novas perspetivas.
Continuará a existir um trabalho intenso, menos visível para o público. A vertente da criação – a primeira das três dimensões do Westway LAB – formará quatro projetos efémeros, juntando artistas nacionais e internacionais, no Centro de Criação de Candoso. Escolhidos a partir da abertura de uma chamada online, os artistas selecionados estarão dez dias em residência artística para criação. Destes encontros serão exploradas relações e dinâmicas, resultando num trabalho original, que será mostrado ao público nos dias do festival.
As city showcases são o momento de maior integração do programa de concertos no tecido urbano da cidade, que acontece no fim de semana. Cinco espaços – Bar da Ramada, Convívio, Sta. Luzia Art Hotel, Oub'lá e Tribuna – recebem concertos durante a tarde de sábado, convidando à digressão e à descoberta de novos cantos da cidade de Guimarães.
Finalmente, rematando os dias de fim de semana, os concertos em diferentes espaços do Centro Cultural Vila Flor, numa forma de proporcionar o contacto com nomes estabelecidos do panorama musical nacional e internacional, com as propostas estimulantes no contexto do Westway LAB.
Além desta vertente, que privilegia o contacto dos artistas e da sua arte com o público, mantém-se como marca do Westway LAB a parte dedicada à reflexão e discussão sobre a produção musical, além da criação. Esta parte do programa é especificamente dirigida aos artistas e aos profissionais que visitam a cidade de Guimarães, durante a semana em que decorre o encontro. Assim se delineia a terceira dimensão do festival – o pensamento.
Acompanhando as transformações tecnológicas trazidas pelo novo milénio, o setor da produção musical passou por uma transformação total, englobando todos os agentes envolvidos no processo. Os papéis alteraram-se substancialmente passando o músico a ter acessíveis ferramentas que permitem a gestão da sua obra e os empresários do setor tiveram de adaptar-se face aos desafios impostos por novas ferramentas tecnológicas.
Os grandes conglomerados editoriais, que continuam existir, já não são capazes de, por si só, definir as tendências por onde fluem as vontades, que são cada vez mais dispersas e marginais. Esta democratização, permitindo a cada criador ter ao dispor ferramentas que lhe permitam mostrar o seu trabalho, é o resultado da transformação que merece ser refletida e percebida.
As conferências dedicadas a profissionais do setor da música têm espaço dentro do Westway LAB para refletir e questionar as experiências individuais, lado a lado com parceiros da indústria. O pensamento que se produz ao longo do festival repercute-se para além dele, sendo ao mesmo tempo um exemplo de rápida transformação da produção artística, no que diz respeito à música. Ao longo de uma semana, em vários encontros que decorrem no Centro Cultural Vila Flor, é desse tipo de transformações de que se fala e debate. Complementarmente às conferências dirigidas a profissionais decorrem as conversas informais (talks) em interação com a cidade que acolhe o Westway LAB, proporcionando a sua descoberta ou uma redescoberta (dependendo dos casos).

Na sua sétima edição, o Westway LAB reforça o seu caráter de festival de música ...

© os fredericos - the movie makers

Westway LAB: A 3D festival

The Westway LAB has affirmed itself through its uniqueness, by bringing together various domains of the music production process, ranging from artistic creation to performances by both new and established artists, and reflections on the transformations and challenges posed to the music production sector at the start of a new decade.
In its seventh edition, Westway LAB is reinforcing its character as a music festival, involving the city of Guimarães, and linking it to 18 other European cities, where festivals form part of the INES network. As an urban, city festival, the festival in Guimarães is a hub in a vast network of interactions, which enables artists to circulate throughout Europe.
In 2014, when the first edition was held, Westway LAB launched the innovative idea of being more than just a concert festival. It also aimed to offer a moment of creation and reflection, with a varied programme during weekdays. From its base in Guimarães, it began to create conditions for tracing new trajectories for musicians and other music professionals.
Westway LAB proved to be a pioneering experience, since it developed and created bases for collaborative work, through dialogue between all kinds of agents. There were three initial dimensions that continue to be relevant today: process, thinking and product. The Lab's entire trajectory is traced across these three dimensions, from conception until final presentation.
Maintaining the same founding characteristics and these three core dimensions, the festival now aims to interact with the city, and become an urban festival. The festival will revolve around this goal of encouraging contact between artists and audiences, with concerts held in the Centro Cultural Vila Flor and in the rest of the city, creating conditions for opening new perspectives in relation to Guimarães.
There will still be intense work, which is less visible to the general public. In terms of the artistic process - the first of Westway LAB's three dimensions - four ephemeral

projects will be developed, involving Portuguese and international artists in the Candoso Creation Centre. Chosen after an online call for submissions, the selected artists will spend ten days in an artistic residency to create new works. Relationships and dynamics will be explored from these encounters, resulting in an original work that will be shown to audiences during the festival.
The city showcases, held over the weekend, offer the greatest interaction between the concert programme and the city's urban fabric. Five venues - Ramada Bar, Convivio, Sta. Luzia Art Hotel, Oub'lá and Tribuna - will host concerts on the Saturday afternoon, inviting people to stroll around and discover new parts of the city.
Finally, to round off the weekend, there will be concerts in different spaces of the Centro Cultural Vila Flor, as a means of providing contact with established names from the Portuguese and international music scene, including stimulating proposals in the context of the Westway Lab.
In addition to this aspect, which encourages contact between artists and their works and the general public, the hallmark characteristic of Westway LAB is dedicated to reflection and discussion about music production and creation. This part of the programme is specifically aimed at artists and professionals who visit Guimarães during the week long festival. This delineates the third dimension of the festival - thought.
Accompanying the technological changes delivered by the new millennium, the music production sector has been completely transformed for all agents involved in the process. Roles have changed so substantially that musicians now have access to tools that enable them to manage their work and entrepreneurs have had to adapt to the challenges posed by new technological tools. The large music publishing groups, which continue to exist, no longer define the main trends, and increasingly dispersed and marginal tendencies develop autonomously. This democratisation process, that provides each artist with tools to show his work, is the result of a profound transformation that should be understood and analysed.
Conferences dedicated to music professionals offer the chance within Westway LAB to reflect upon and question individual experiences and those of industry partners. The ideas produced throughout the festival will have further repercussions and offer an example of the rapid transformation of artistic production related to music. During the week long festival, in various meetings held at the Centro Cultural Vila Flor, these transformations will be discussed and debated.
In addition to professional conferences, informal talks will be held, in interaction with the host city, providing opportunities for discovery or rediscovery of Guimarães (in function of the respective situation).

© os fredericos - the movie makers

EM ABRIL

7 A 14
Centro de Criação de Candoso
Residências Artísticas

QUA 15 A SÁB 18
Centro Cultural Vila Flor
Conferências PRO

QUA 15 E QUI 16
Cor de Tangerina + Tio Júlio
Talks

QUA 15 E QUI 16
Centro Cultural Vila Flor
Showcases das Residências -Artísticas

SÁB 18
Vários locais da cidade
City Showcases

SEX 17 E SÁB 18
Centro Cultural Vila Flor
Concertos

Os Cartões da Memória

© Capta

Uma das matérias a que se dedicam os sociólogos é à caracterização de padrões construídos à base das matrizes de que se fazem as comunidades. Estas funcionam segundo regras comuns, mais ou menos formais, mais ou menos tácitas e que, por sua vez, enformam o que se pode chamar, em última instância, de civilização. Essa caracterização sociológica recorre à etnografia, aos valor antropológicos e também à historiografia dos locais e, desejavelmente, à recolha das memórias.

A memória, uma espécie de arquivo tangível da consciência, pode ser composta por duas vertentes, que devem ser consideradas quando se procura fazer uma caracterização coletiva de uma civilização, de uma comunidade, de um povo. Por um lado, a memória individual é, porventura, um dos ativos mais valiosos, a matéria prima, na altura da reconstrução de uma memória coletiva. Quando não registada durante o tempo em que habita no consciente das pessoas, perder-se-á para sempre. Do outro lado, na outra vertente, temos o efeito do tempo, que naturalmente vai deformando as memórias originais, deturpando-as, enviesando as análises que dela se farão a jusante.

A cidade de Guimarães, mas também todo o círculo de vilas e aldeias que a envolve, continua a viver, hoje, de uma herança tão rica quanto pesada dos tempos que remontam à criação da nacionalidade portuguesa. A identidade portuguesa está ou deverá estar também intimamente ligada aos acontecimentos épicos, que conduziram ao aparecimento do país como "nação valente, imortal". Os vimaranenses sabem disso e têm transmitido esse legado, essa responsabilidade de geração em geração, até aos dias de hoje.

TODO O ANO

Exposição Território e Comunidade

3,00 eur,
2,00 eur c/d
Entrada gratuita (crianças até 12 anos / domingos de manhã, 10h00-12h30)
—
terça a domingo
10h00-13h00
14h00-19h00

—
Paulo Dumas

—
Casa da Memória

© Capta

Por isso, o presente de Guimarães vive orgulhosamente ancorado na sua história, no seu património e nas suas memórias. Com uma carga tão vasta, pesada e duradoura é difícil dar uma resposta simples à pergunta que indaga: "O que é e como é ser vimaranense?"

Este texto foi escrito no dia do Pinheiro, esse número iniciador das festas Nicolinas, manifestação que começou por ser de estudantes, mas que se tornou num dos momentos mais marcantes que a cidade vive todos os anos. Por toda a cidade ecoavam os rufos ribombantes de caixas e bombos, em forma de aquecimento para a grande noite.

As Nicolinas e a intensidade com que são vividas por todos os vimaranenses, são uma das peças imprescindíveis, na altura em que, a dado momento, se procura responder àquela pergunta, ajudando também a descrever a paixão que é investida num determinado conjunto de elementos, que se transformam em símbolos indissociáveis da cidade.

Essa difícil tarefa de sintetizar a forma de ser do povo vimaranense (difícil por conter muitos motivos, de diversas épocas, do material ao imaterial) assumiu-se como o principal desafio para a montagem da Casa da Memória, que consistiu em reunir, através de uma linha narrativa, tudo o que poderá caracterizar o "ser" vimaranense.

É essa síntese tendencialmente definidora que se reúne, desde 2016, na Casa da Memória de Guimarães. Partindo de uma exposição permanente, que acompanha as transformações físicas do território, assim como o que esse território contém e enforma, propõe-se responder àquela questão tão complexa: "O que é e como é ser vimaranense?".

A exposição permanente da Casa da Memória de Guimarães está organizada em duas partes, ocupando a estrutura original do edifício onde outrora funcionou a fábrica Pátria. Esta indústria produziu um catálogo de objetos que pontuam também eles a memória coletiva, desde a década 50 do século passado.

De um lado, encontramos uma análise sobre as metamorfoses do território, que é na verdade o suporte onde se desenrolam todas as narrativas. Do outro lado, todos os motivos particulares, que são a componente humana ou imaterial – primitivas das linhas diretoras que fazem com que ser ou estar em Guimarães seja diferente de ser oriundo ou de estar numa outra geografia.

Apesar de haver uma linha narrativa, que corresponde ao

© Paulo Pacheco

Memory Cards

Sociologists attempt to identify social patterns, constructed on the basis of the underlying matrices of communities. These patterns evolve according to common rules, that are more or less formal, more or less tacit, which in turn shape what can ultimately be called civilisation. Such sociological characterisation depends upon ethnography, anthropological values and the historiography of places and, preferably, the collection of memories.
Memory - a kind of tangible archive of consciousness - consists of two strands, both of which must be considered when trying to trace the collective identification of a civilisation, a community, a people. On the one hand, individual memory is perhaps one of the most valuable assets, the core raw material, when reconstructing collective memory. If individual memories fail to be recorded while they inhabit people's consciousness, they will be lost forever. On the other hand, from another perspective, we have the effect of time, which naturally deforms original memories, distorting them, biasing any subsequent analyses made thereof.
The city of Guimarães, and the set of towns and villages around it, continues to draw upon a rich and complex heritage, that dates back to the foundation of Portugal as a nation. Portuguese identity is, or should also be, closely linked to the epic events that led to the emergence of this country as a "brave and immortal nation". The people of Guimarães know this, and have handed down this legacy, this responsibility, from one generation to the next, until the present day.
For this reason, experience of the present day in Guimarães is proudly anchored in the city's history, heritage and memories. With such a vast, profound and lasting legacy, it is difficult to give a simple answer to the question: "What does it mean, and what is it like, to be from Guimarães?"
This text was written on the day of the Pinheiro procession, the first day of the Nicolinas festivities, an event that was begun by students, but that has become one of the most remarkable moments experienced each year in the city. The roar of drums echoes throughout the city, as it warms up for a great night.
The Nicolinas festivities and the intensity with which they are experienced by everyone from Guimarães, are one of the indispensable aspects, when, at a certain moment, one tries to answer that question, which also helps to describe the passion that is invested in a certain set of elements, which become inseparable symbols of the city.
This difficult task of synthesising the personal outlook of anyone from Guimarães (which is very difficult to summarise because it contains many factors, from various epochs, ranging from the tangible to the intangible) was the main challenge for creating the Casa da Memória (House of Memories - CMG). The CMG aims to trace a narrative guideline, in order to bring together everything that can characterize what it means "to be" from Guimarães.
It is this summarising process, tendentially defining, that has been pursued by the Casa da Memória de Guimarães since 2016. Commencing with a permanent exhibition that accompanies the physical transformations of the territory, as well as that which the territory contains and shapes, the institution aims to answer this very complex question: " What does it mean, and what is it like, to be from Guimarães?".
The CMG's permanent exhibition is organised in two parts and occupies the former premises of the Pátria factory, which produced a range of objects that have also punctuated the city's collective memory since the 1950s.
On the one hand, the permanent exhibition analyses the various metamorphoses of the territory - the medium in which all narratives unfold.
On the other hand, we find all the specific motifs, i.e. the human or immaterial components - primitive elements of the narrative guidelines which explain why being from, or in, Guimarães is different from being from, or in, any other location.
Although there is an overall narrative guideline, which corresponds to the itinerary of the permanent exhibition, each visitor can make their own reading from this itinerary. One example is the 30 or so Visiting Guides that have been drawn up, in which each guest builds their own narrative. These encounters were based on the same motifs, icons, objects and intersection of collective memories with the visitors' own individual memories. It is often said that when different people read the same book, each reader imagines the characters, scenes and places in a different way. Indeed, the proposed itinerary is an immersion into the personal life stories of each visitor to the permanent exhibition. This experience will certainly be enhanced by each visitor who passes through the building in the Avenida Conde de Margaride.
In the first three years of the Casa da Memória de Guimarães, its content has not crystallised into a permanent exhibition, although this is its central vector. Various dynamics have been created on this basis, which aim to ensure that the CMG remains active and connected with communities - both the local community and many other communities from other places.
This is how this "construction of memory" is traced, in a tendentially infinite chronology, that inscribes the diary of that which has been described as "vimaranencidade" (the essence of being from Guimarães).

trajeto da exposição permanente, há uma versatilidade na leitura que cada visitante constrói desse percurso. Exemplo disso, foram as três de dezenas de Guias de Visita realizadas, em que cada convidado construía o seu próprio enredo. Esses encontros partiam dos mesmos motivos, dos mesmos ícones, dos objetos e do cruzamento das memórias coletivas, com as suas memórias próprias e individuais. Costuma dizer-se que ao ler-se um mesmo livro, cada leitor imagina as personagens, as cenas e os lugares de forma diferente. Pois, o percurso proposto é uma imersão sobre as histórias de vida de cada pessoa que visita a exposição permanente. Essa experiência será, certamente, potenciada em cada visitante que passa pelo edifício da Avenida Conde de Margaride.
Nos primeiros três anos de existência da Casa da Memória de Guimarães, o seu conteúdo não se cristalizou numa exposição permanente, apesar de este ser o seu motivo central. É a partir dela que se criam dinâmicas, que têm o propósito de a manter ativa e ligada com as comunidades – tanto as autóctones, como as muitas outras provindas de outros territórios. Será dessa forma que essa "construção da memória" se desenha numa linha cronológica tendencialmente infinita, onde se inscreve o diário do que já foi descrito como "vimaranencidade".

A exposição permanente da Casa da Memória de Guimarães está organizada em duas partes, ocupando a estrutura original do edifício onde outrora funcionou a fábrica Pátria.

EM ABRIL

SÁB 25
10H00-18H00

4º Aniversário da Casa da Memória

Visitas
Oficinas
Espetáculos

Entrada livre,
lotações limitadas

Aqui o tempo passa mais devagar. Podemos perder o olhar num gesto e querer fazer dele nosso.

—
Catarina Pereira

—
Loja Oficina

O artesanato de Guimarães materializa, atualmente, a memória de determinadas atividades outrora inseridas no panorama industrial local. Dele faziam parte as olarias, cujos fornos de câmara, que se encontram na atual Olaria da Cruz de Pedra, constituem um importante testemunho material da história do ofício. Ainda hoje, e pelo menos desde o século XVI, é produzida, em Guimarães, a peça mais emblemática da tradição oleira da região: a Cantarinha das Prendas ou Cantarinha dos Namorados.

Da história económica e industrial de Guimarães preservaram-se ainda as técnicas artesanais aplicadas na produção de peças de ourivesaria, latoaria, tecelagem e nos bordados. O Bordado de Guimarães resulta de um percurso histórico longo, configurando-se através da transmissão de conhecimento entre gerações. A riqueza deste bordado reside na forma como as pessoas que o executam foram conseguindo acumular saber e, simultaneamente, inovar formalmente e tecnicamente, respigando conteúdos do passado e adaptando-os a cada novo tempo.

No mesmo edifício onde nasceu Alberto Sampaio, encontra-se a Loja Oficina, onde se expõem e comercializam peças de artesanato de produção local, com recurso aos métodos tradicionais de fabrico. Podemos assistir a todo o processo artesanal da manufatura do Bordado e Olaria de Guimarães, conhecendo as artesãs que nele

© Direitos rservados

© os fredericos

© Paulo Pacheco

trabalham diariamente, e experimentar, em contexto oficinal, as técnicas associadas àquelas artes.
Na Loja Oficina é possível marcar oficinas avulsas com as artesãs residentes. Todavia, e porque é um grande objetivo d'A Oficina contribuir para a transmissão, e consequente perpetuação, das técnicas ancestrais do bordado e olaria de Guimarães, disponibilizamos, a cada ano, e graças à parceria fundamental com o CEARTE – Centro de Formação Profissional para o Artesanato e Património, dois cursos profissionalizantes em cada uma das atividades referidas.
Com curadoria participativa de cada artesão convidado, há lugar para exposições temporárias, que poderão ser acompanhadas por sessões de demonstração das técnicas de fabrico dos objetos em mostra. Acreditamos que o conhecimento mais aprofundado das práticas levará o visitante, e potencial consumidor, a uma ulterior valorização da produção artesanal.

© os fredericos

Time runs more slows here.
We may lose our gaze in a gesture and want to make it our own.

Guimarães' handicrafts safeguard the memory of activities that once formed part of the local industrial scene. This included potteries, whose chamber furnaces, which can be found in the Cruz da Pedra Pottery, constitute an important material testimony of the history of this craft. Even today, the most emblematic work of the region's pottery tradition continues to be produced in Guimarães: the *Cantarinha das Prendas or Cantarinha dos Namorados*, which date back to the 16th century.
Guimarães' economic and industrial history is also preserved by preserving the artisanal techniques used in the production of jewellery, tin work, weaving and embroidery. Guimarães Embroidery is the result of a long historical evolution, based on knowledge handed down over generations. The richness of this embroidery is based on the way that the local embroiders have been able to accumulate knowledge and, at the same time, formally and technically innovate, incorporating influences from the past and adapting them to each new era.
The Oficina Shop is based in the same building where Alberto Sampaio was born. It exhibits and sells local handicrafts, that use traditional manufacturing methods. Visitors can observe the entire artisanal process used to make Guimarães Embroidery and Pottery, and meet the artisans who make objects every day and in a workshop context, try out the techniques associated with these arts.
In the Oficina Shop it is also possible to schedule workshops with resident artisans. Given that one of A Oficina's key objectives is to foster the transmission, and consequent perpetuation, of Guimarães' ancestral embroidery and pottery techniques, we offer two vocational courses per year in each of the above activities, made possible by our fundamental partnership with CEARTE - Centre for Vocational Training for Handicraft and Heritage. With participative curating by each guest artisan, temporary exhibitions are also organised, which may be accompanied by demonstration sessions on the techniques used to make the objects on display. We believe that deeper knowledge of these practices will give visitors, and potential customers, a more profound appreciation of local arts and crafts.

ATÉ 15 FEV

Exposição
Maria Fernanda Braga
Retrospetiva 20 Anos

Entrada livre

20 MARÇO A 27 JUNHO

Inauguração
20 março, 15h00
Exposição
O Misticismo do Barro a 4 mãos
Associação de pais e amigos das crianças inadaptadas - APACI de Barcelos

Entrada livre

In Memoriam a Alberto Sampaio

—
Catarina Pereira

—
Loja Oficina

Alberto Sampaio nasceu a 15 de novembro de 1841, na casa onde havia nascido a sua mãe, Emília da Cunha Sampaio, um edifício situado na antiga Rua dos Mercadores, no atual número 138 da Rua da Rainha Dona Maria II, em Guimarães. O seu pai, Bernardino de Sampaio Araújo, na altura Juiz da Comarca de Celorico de Basto, pereceu de doença súbita, um ano após o seu nascimento.

O percurso de Alberto Sampaio que hoje conhecemos, através dos seus livros e pela leitura da documentação que chegou aos nossos dias, nomeadamente uma vasta correspondência com intelectuais seus contemporâneos, onde se destacam figuras como Francisco Martins Sarmento, José Leite de Vasconcelos, Joaquim de Oliveira Martins, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, entre muitos outros, revela-nos um ser humano de mente inquieta. De forma a apaziguar uma constante e ávida necessidade de melhor compreender o mundo que o rodeava, viveu absorvido pelo estudo e pela escrita, desenvolvendo um profícuo trabalho em diversas áreas do conhecimento. Seria como historiador, todavia, que se destacaria no panorama nacional pelos seus estudos dedicados à proto-história e à etnografia.

Alberto Sampaio foi presidente da comissão executiva da Exposição Industrial de Guimarães, inaugurada a 15 de junho de 1884, no palacete de Vila Flor. Nesta grande mostra, foram apresentadas desde as chamadas «indústrias caseiras» (manufatura de bordados, flores e frutas artificiais, trabalhos em crochet, como por exemplo «uma miniatura, em linha, do castelo de Guimarães»), passando pelas pequenas oficinas, algumas já em acentuado declínio, como era o caso da olaria, até às indústrias cuja renovação carecia de investimento tecnológico à época, mas que detinham um maior potencial de desenvolvimento. Salientam-se, neste ponto, as indústrias do têxtil e do calçado, sendo estes dois dos sectores que têm, atualmente, um importante peso na economia da região.

O Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884, da autoria de Alberto Sampaio e Joaquim José de Meira, é um documento importantíssimo para percebermos o tecido industrial daquele tempo e, também, a organização social em seu torno, o que, enriquece sobremaneira o nosso conhecimento sobre as circunstâncias de uma época que iniciou e moldou as vivências no presente no território de Guimarães.

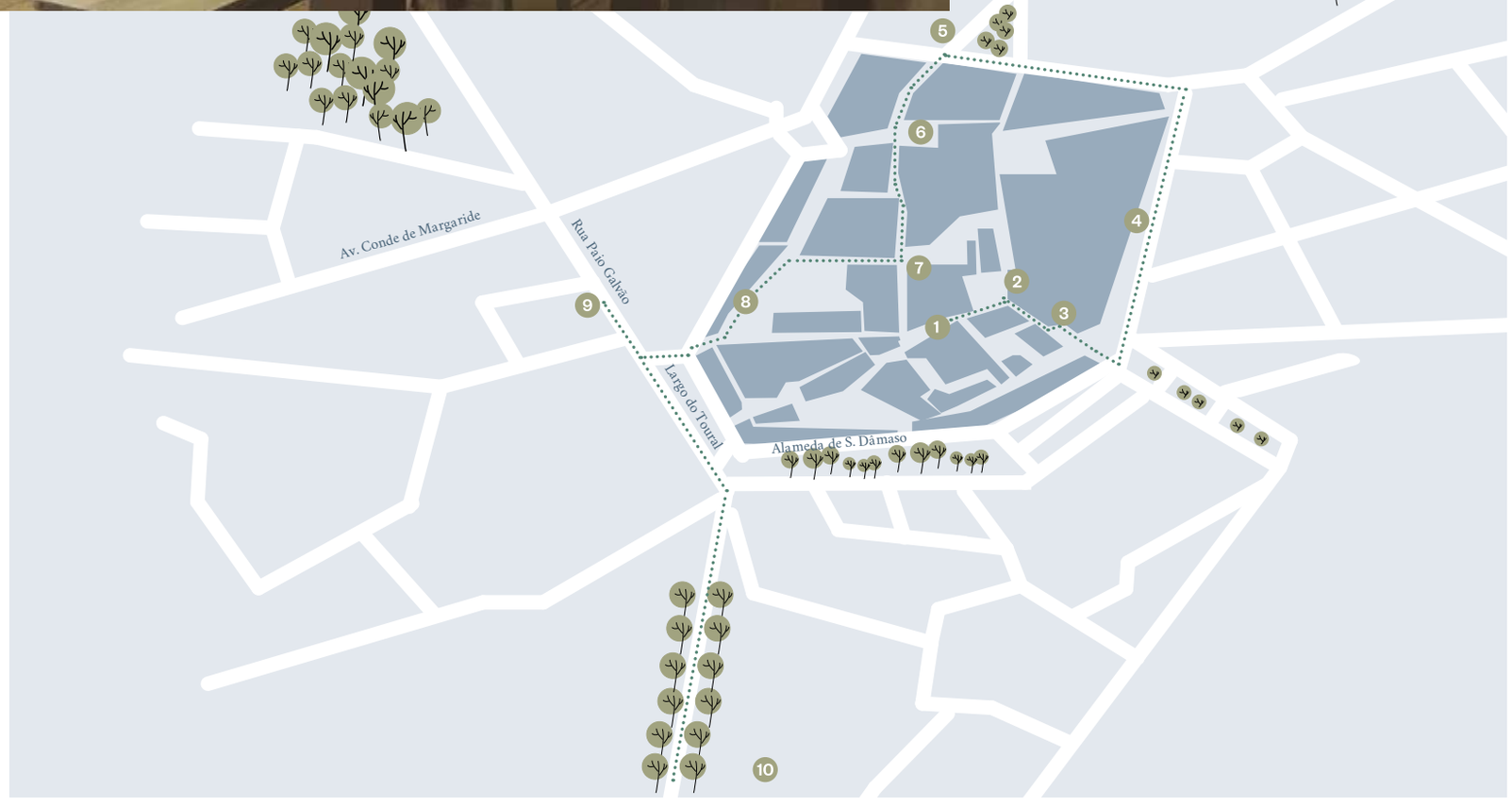
Passados 178 anos do nascimento de Alberto Sampaio, os elementos da família que conserva a Casa de Boamense (onde faleceu, a 1 de dezembro de 1908), e a Régie-cooperativa A Oficina prestam-lhe a devida homenagem na que foi a sua casa de nascimento, na Rua da Rainha. O *In Memoriam* a Alberto Sampaio é constituído pela Sala de Alberto Sampaio, um núcleo expositivo permanente no qual a sua biografia toma forma pelo diálogo entre imagens, objetos e documentos. A exposição é complementada pela oferta de um percurso pela cidade, levando-nos a conhecer *Os Lugares de Alberto Sampaio* em Guimarães. Em memória do seu legado, que continua a inspirar muitos estudiosos em múltiplas áreas do saber, disponibilizamos um novo espaço de encontro que possa servir para aproximar investigadores e as várias entidades que, de algum modo, têm desenvolvido trabalho de pesquisa e publicação, alargando o conhecimento da história local.

Tomando como exemplo a vida e obra de Alberto Sampaio, as suas palavras aqui permanecerão: «Hei-de morrer simples estudante vendo sempre, a cada passo, no assunto mais simples novos horizontes ignorados.»

In Memorium, Alberto Sampaio

Alberto Sampaio was born on November 15, 1841, in the house where his mother, Emilia da Cunha Sampaio, was born, a building located in the former Rua dos Mercadores, which now corresponds to number 138 of Rua da Rainha Dona Maria II, in Guimarães. His father, Bernardino de Sampaio Araújo, Judge of the District of Celorico de Basto, died of sudden illness, one year after he was born.
We know about Alberto Sampaio's life today through his books and by reading the documentation that has been handed down to us, in particular the vast correspondence with his contemporaries, such as Francisco Martins Sarmento, José Leite de Vasconcelos, Joaquim de Oliveira Martins, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, among many others, which reveals a human being with a restless mind. To appease his constant and avid desire to gain a better understanding of the world around him, he was absorbed in his studies and writing, and developed a fruitful work in various fields of knowledge. He acquired national renown above all for his work as a historian, including his studies on protohistory and ethnography.
Alberto Sampaio was chairman of the executive committee of the Guimarães Industrial Exhibition, that opened on June 15, 1884, in the Palácio Vila Flor. This major exhibition presented works ranging from the so-called 'home industries' - embroidery, production of handmade flowers and artificial fruits, and crochet work, such as 'a linen miniature of Guimarães Castle', which included small workshops, some already in sharp decline, such as the pottery workshops - to industries whose renovation required significant technological investment during this period, but had major growth potential. Special emphasis was placed on the textile and footwear industries which at the time assumed an important weight in the region's economy.
The Report of the Guimarães Industrial Exhibition in 1884, written by Alberto Sampaio and Joaquim José de Meira, is an important document to understand the industrial fabric of the period and the associated social organisation. The report greatly enriches our understanding of the circumstances of a new historical period that continues to shape contemporary experiences in the municipality of Guimarães.
178 years after Alberto Sampaio's birth, the members of the family that owns the Casa de Boamense (where he died on December 1, 1908), and A Oficina cooperative, will pay tribute to his memory in the house where he was born, in the Rua da Rainha Dona Maria II. In Memoriam, Alberto Sampaio includes the Alberto Sampaio Room - a permanent exhibition centre that traces his biography by forging a dialogue between different images, objects and documents. The exhibition can also be complemented by a tour of the city, introducing visitors to Alberto Sampaio's places in Guimarães. In memory of his legacy, which continues to inspire many scholars in multiple field of knowledge, we have created a new space for encounters that can be used by researchers and the various entities that have developed some form of research and publishing work, thereby broadening our knowledge of local history.
Alberto Sampaio's life and work offer us an example and his words will remain here: "I will die a humble student, always seeing, at every step, new unknown horizons in the simplest subject.»

© Pedro Silva



Plano de Apoio à Criação

Arts Support Programme

Coproduções

Tânia Carvalho
Onironauta

Joana Castro
Rite of Decay

Vera Mantero
Esplendor e Dismorfia

Elizabete Francisca
Dias Contados

Residências Artísticas

10 – 28 janeiro
CCC - Centro de Criação de Candoso
Gil Mac
Pátria
[PACT – Plano de Apoio à Criação Territorial]

30 janeiro – 6 fevereiro
CCC - Centro de Criação de Candoso
Joana Castro
Rite of Decay
[GUIdance]

1 – 12 fevereiro
CCC - Centro de Criação de Candoso
Elizabete Francisca
Dias Contados
[GUIdance]

17 – 28 fevereiro
CCC - Centro de Criação de Candoso
Joana Craveiro
Aquilo que ouvíamos

17 fevereiro – 7 março
CCC - Centro de Criação de Candoso
Gil Mac
Pátria
[PACT – Plano de Apoio à Criação Territorial]

2 – 15 março
CCC - Centro de Criação de Candoso
Cleo Tavares, Isabél Zuaa e Nádia Yracema
Aurora Negra
[Bolsa Amélia Rey Colaço]

12 – 16 março
CCC - Centro de Criação de Candoso
Manuela Ferreira
(In)Comum
[PACT – Plano de Apoio à Criação Territorial]

23 – 27 março
CCC - Centro de Criação de Candoso
Gustavo Monteiro / Sekoia
Youtopia

7 – 14 abril
CCC - Centro de Criação de Candoso
Westway LAB

23 – 27 abril
CCC - Centro de Criação de Candoso
Manuela Ferreira
(In)Comum
[PACT – Plano de Apoio à Criação Territorial]

27 – 30 abril
CCVF / Grande Auditório
Marco Martins
Perfil Perdido

LAB'UM
Laboratórios da Lic. em Teatro da Universidade do Minho

10 janeiro, 15h00
Espaço Oficina
O Parque, Botho Strauss
Aula aberta de Estudos em Interpretação 3

Um exercício sobre o texto e o gesto em cena, a partir d'O Parque, de Botho Strauss. Os alunos de terceiro ano da Licenciatura em Teatro da UM, com orientação de Maria Duarte.

22 janeiro, 21h30
Espaço Oficina
A Circularidade do Quadrado, Dimítris Dimitriádis

Geometrias variáveis do amor e do desejo

Apresentação de quatro histórias paralelas de amor, sentimentos e desejos, com direção de Nuno M. Cardoso e interpretação dos alunos de terceiro ano da Licenciatura em Teatro da UM.

Redes

Networks

Universidade do Minho

O protocolo em vigor com a UM tem epicentro no polo de Teatro do ILCH-UM e foi sendo intensificado no terreno, sobretudo a partir da utilização intensiva do Espaço Oficina pelos laboratórios e alunos da Licenciatura (projeto LAB'UM). A Oficina iniciou ainda parcerias com dois grupos recentemente criados dentro da UM, apoiando as suas atividades: o GIEP-Grupo de Investigação em Estudos da Performance e o NELTUM - Núcleo de Estudantes da Lic. em Teatro da UM. Noutra área artística, o CIAJG começou uma colaboração permanente com o novo curso de Artes Visuais da Escola de Arquitectura da UM, através de uma parceria inovadora e singular em Portugal. A colaboração será extensa e abrangerá partilha de espaços, a criação de um seminário comum, a utilização dos espaços expositivos, sala de conferências e Blackbox para aulas e momentos de investigação e projeto de várias disciplinas do Curso.

Quadrilátero Cultural

em parceria com:
/ Barcelos, Braga e Famalicão

Rede criada entre os quatro bons vizinhos, quer tornar-se também um instrumento de programação conjunta dos espaços culturais e de fixação e/ou maior permanência dos artistas locais, nacionais e internacionais em interação com as comunidades e os projetos de mediação cultural de cada concelho.

Performart

A PERFORMART – Associação para as Artes Performativas em Portugal visa a promoção do setor das artes do espetáculo e dos seus profissionais, a nível nacional e internacional e pretende promover as múltiplas formas de manifestação cultural e artística no âmbito das artes performativas, quer a nível nacional quer a nível internacional.

alguns membros da associação:
/ Teatro do Bolhão
/ EGEAC
/ Fundação Casa da Música
/ Fundação Centro Cultural de Belém
/ Fundação Serralves
/ Instituto Politécnico do Porto
/ OPART
/ Teatro Experimental do Porto
/ Companhia de Teatro de Almada
/ Teatro Nacional D. Maria II
/ Teatro Nacional São João
/ Centro de Artes de Espetáculos de Viseu
/ Teatro Meridional; Teatro da Didascália
/ Nome Próprio – Associação Cultural
/ Teatro e Marionetas de Mandrágora
/ Ao Cabo Teatro
/ Teatro da Garagem
/ Teatro Académico de Gil Vicente
/ Associação Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras
/ Companhia de Teatro de Braga
/ entre muitos outros

Rede Portuguesa de Museus

A Rede Portuguesa de Museus (RPM) é um sistema organizado de museus, atualmente composto por 149 museus, incluindo os museus e palácios nacionais tutelados pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), os museus tutelados pelas Direções Regionais da Cultura do Continente, dos Açores e da Madeira, os palácios nacionais geridos pela empresa Parques de Sintra-Monte da Lua e mais 93 museus que passaram a integrar a RPM por candidatura. O universo dos 149 museus integrados na RPM caracteriza-se pela diversidade de tutelas, de coleções, de espaços, de atividades educativas, de modelos de relação com as comunidades e de sistemas de gestão. Um sistema organizado de museus, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus. O CIAJG foi credenciado na Rede Portuguesa de Museus este ano.

Amarelo
[Educação e Mediação Cultural]

A Amarelo tem como missão a promoção da criação e circulação de projetos artísticos para crianças e jovens, a valorização do trabalho em parceria a nível nacional e internacional, assim como a discussão e reflexão sobre as práticas artísticas e de mediação. Define como período de acção 2019-2021.

em parceria com:
/ Dançando com a Diferença (Funchal)
/ São Luiz Teatro Municipal (Lisboa)
/ Teatro Municipal de Bragança (Bragança)
/ Teatro Municipal do Porto (Porto)
/ Teatro Viriato (Viseu)
/ Walk&Talk (Ponta Delgada)

Aerowaves
[Dança]

em parceria com:
/ Albania Dance Meeting Festival (AL)
/ D. ID Dance Identity (AT)
/ Stuk (BE), Derida Dance (BG)
/ San Vicente Festival (HR)
/ Street Art Festival (HR)
/ Dance House Lemesos (CY)
/ Tanec Praha (CZ), Bora Bora (DK)
/ Dansehallerne (DK)
/ Kanuti Gildi Saal (EE)
/ Annantalo (FI)
/ La Briqueterie (FR)
/ Pact Zollverein - Choreographisches Zentrum NRW (DE)
/ Arc for Dance (GR)
/ Freelance (GR)
/ Workshop Foudation (HU)
/ Freelance (IS)
/ Operaestate Festival Veneto Bassano Del Grappa (IT)
/ Romaeuropa (IT)
/ Dance Limerick (IE)
/ Lithuanian Dance Information Centre (LT)
/ Centre de Criation Choregraphic Luxembourgeois (Trois C-L) (LU)
/ Dansens Hus (NO), Dervish&co (NO)
/ Art Stations Foundation 5050 (PL)
/ Lubelski Teatr Tanca (PL)
/ O Espaço do Tempo (PT)
/ National Centre for Dance (RO)
/ International Dance and Performance Center Tsekh (RU)
/ Institution Student Cultural Centre in Novi Sad (RS)
/ Bratislava in Movement Association (SK)
/ EN-KNAP/Spanski Borci (SK), Mercat de les Flors (ES)
/ Paso a 2 Plataforma Coreográfica A.C. / Certamen Coreográfico de Madrid (ES)
/ Dansstationen (SE)
/ Dansens Hus (SE)
/ Théâtre Sévelin 36/CIE Philippe Saire (CH)
/ Tanzhaus Zurich (CH)
/ Dansmakers Amsterdam (NL)
/ National Kaohsiung Centre For the Arts (Weiwuying) (TW)
/ The Place (GB)

A mais importante rede europeia de apoio à dança contemporânea emergente, onde se inclui o Centro Cultural Vila Flor como *presenting partner.*

Em Trânsito
[Dança Contemporânea]

em parceria com:
/ Estúdios Victor Córdon, Lisboa

Programa de colaboração para residências artísticas no âmbito do GUIdance. Ao abrigo deste protocolo, os Estúdios Victor Córdon acolherão 3 residências de criação por ano, indicadas pela direção artística do festival de dança contemporânea, GUIdance.

Rede 5 Sentidos
[Artes Performativas]

em parceria com:
/ Teatro Micaelense (Ponta Delgada)
/ Teatro Nacional São João (Porto)
/ Teatro Municipal da Guarda (Guarda)
/ Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra)
/ Teatro Viriato (Viseu)
/ São Luiz Teatro Municipal
/ Teatro Municipal do Porto - Rivoli e Campo Alegre (Porto)
/ Cine-Teatro Louletano (Loulé)

Pensada para promover a programação cultural e a produção artística em rede no âmbito das artes performativas, a 5 Sentidos foi criada em 2009 por cinco estruturas culturais do país, sendo atualmente constituída por 10 membros.

Partis

em parceria com:
/ Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
/ Câmara Municipal de Loulé
/ Casa da Música, Porto
/ EGEAC, Lisboa
/ Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal
/ Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa
/ Teatro Viriato, Viseu

A partir da experiência do seu projeto de "Práticas Artísticas para Inclusão Social" - PARTIS, o Programa Gulbenkian Coesão e Integração Social (PGCIS) convidou uma série de parceiros a trabalhar numa uma agenda de "arte e comunidade".

I.N.E.S.
[Música]

em parceria com:
/ GigMit (DE)
/ Monkey Week (ES)
/ Live at Heart (SW)
/ Sonic Visions (L], MENT (SLV)
/ Waves (AT), Spring Break (PL)
/ Liverpool Sound City (UK)

Projeto europeu de cooperação financiado pela Europa Criativa, onde se integra o Westway LAB enquanto membro fundador, para promover a circulação e capacitação dos artistas e profissionais no setor da música.

CircusNext
[Circo Contemporâneo]

em parceria com:
/ La Brèche (FR)
/ La Grainerie (FR)
/ La Cascade (FR)
/ Circuscentrum (BE)
/ Espace Catastrophe (BE)
/ Latitude 50 (BE)
/ Subtopia (SE)
/ Cirko (FI)
/ Room 100 (HR)
/ Cirkorama (HR)
/ Circusfera (RS)
/ Festival Perspectives (DE)
/ Sarabanda (IT)
/ Festival Circolo (NL)
/ STAMP Festival (DE)
/ Circus Futures (UK)
/ Cirqueon (CZ)

Plataforma europeia de promoção das artes do circo para artistas emergentes com a participação do Centro Cultural Vila Flor.

Informações Úteis

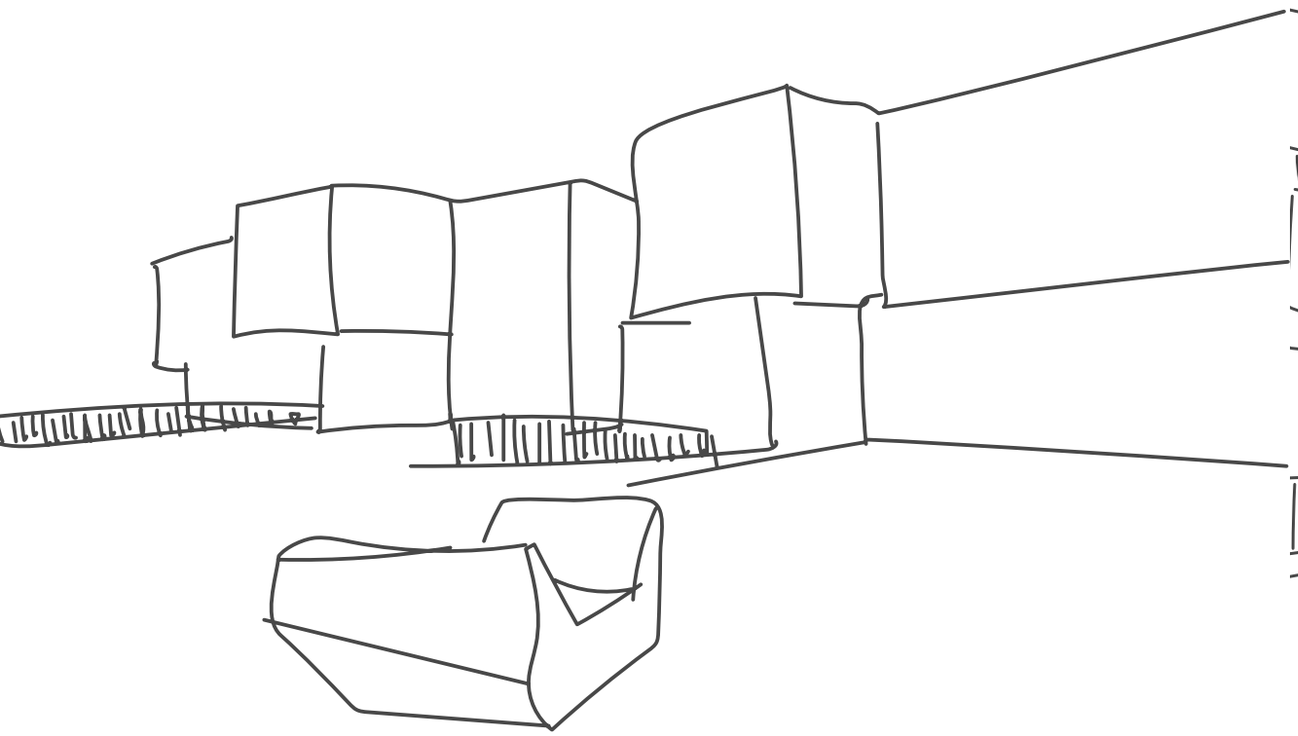
Useful Informations

Nascida em 1989, A Oficina gere e programa o Centro Internacional das Artes José de Guimarães, o Centro Cultural Vila Flor com o seu Palácio do século XVIII, a Casa da Memória de Guimarães, o Centro de Criação de Candoso e a Black Box na Fábrica ASA, o Teatro Oficina e um serviço de Educação e Mediação Cultural. É responsável pela organização dos Festivais GUIdance, Westway LAB, Festivais Gil Vicente, Manta e Guimarães Jazz. Na cidade faz a Feira de Artesanato e as Festas da Cidade e Gualterianas.
A salvaguarda do Património e Artesanato manifesta-se ainda na Loja Oficina, e, desde há 30 anos, no seu nome social: Centro de Artes e Mesteres Tradicionais de Guimarães.

Founded in 1989, A Oficina manages and programmes the José de Guimarães International Arts Centre, the Centro Cultural Vila Flor including Its 18th Century Palace, the Casa da Memória de Guimarães, the Candoso Creation Centre and the Black Box ASA Factory, the Teatro Oficina and an Educational and Cultural Mediation service. A Oficina is responsible for the organization of the Festivals GUIdance, Westway LAB, the Gil Vicente Festivals, Manta and Guimarães Jazz. It is in charge of the fair of handicraft, the Gualterianas and city's festivities and also works in safeguarding Heritage and Handicrafts, in the past 30 years, noticeable in the Oficina Shop and in the association's name: Centre of Traditional Arts and Crafts of Guimarães.

C I A J G

centro internacional das artes
josé de guimarães



Há mais de 50 anos que José de Guimarães vem reunindo coleções de Arte Africana, Arte Pré-Colombiana e Arte Chinesa Antiga, que são um dos eixos em que assenta este espaço. Na coleção permanente estão também obras da autoria do artista. Mas este é também um lugar de produção, articulando o espólio com o trabalho de artistas contemporâneos, frequentemente a partir de desafios à nova criação. O trabalho do centro faz-se também em torno do pensamento, com conferências mensais e um encontro anual para refletir sobre arte e museologia.

Av. Conde Margaride, 175

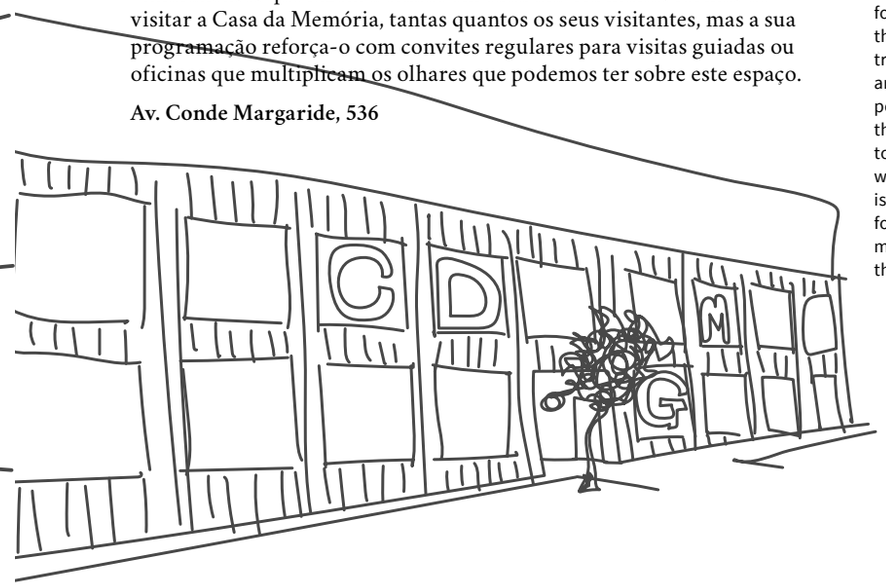
José de Guimarães has been collecting collections of African Art, Pre-Colombian Art and Ancient Chinese Art for over 50 years, and they constitute one of the Centre's main lines of programming. The permanent collection also includes works by the artist. The Centre is a place of production, articulating the collection with the work of contemporary artists, often based on invitations to create new works. The Centre's work also revolves around thinking, with monthly conferences and an annual encounter to reflect on art and museology.

CDMG Casa da Memória Guimarães

A História e as histórias cruzam-se neste centro de interpretação, que é, ao mesmo tempo, um sítio de encontro da comunidade e um local para que os viajantes possam conhecer Guimarães. Documentos, factos e objetos permitem conhecer o território, da Pré-História à Contemporaneidade, passando pela Fundação e a Industrialização, mas também as tradições de todo o concelho e as memórias individuais dos vimaranenses que fazem a cidade em cada dia. Há muitas formas de visitar a Casa da Memória, tantas quantos os seus visitantes, mas a sua programação reforça-o com convites regulares para visitas guiadas ou oficinas que multiplicam os olhares que podemos ter sobre este espaço.

Av. Conde Margaride, 536

History and stories intersect in this interpretation centre, which is both a meeting place for the community and a place for visitors to discover Guimarães. Documents, facts and objects enable people to learn more about the territory, from Prehistory to the Contemporary era, panning the foundation of Portugal as a nation, the Industrial Revolution, and the traditions of the entire municipality and the individual memories of the people of Guimarães who bring life to the city every day. There are many ways to visit the Casa da Memória, as many ways as its visitors. Its programming is reinforced by regular invitations for guided visits or workshops that multiply the possible perspectives of the space.

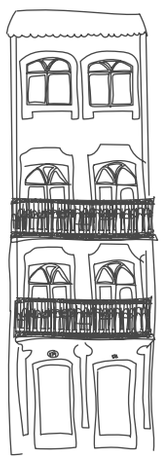


LOJA OFICINA

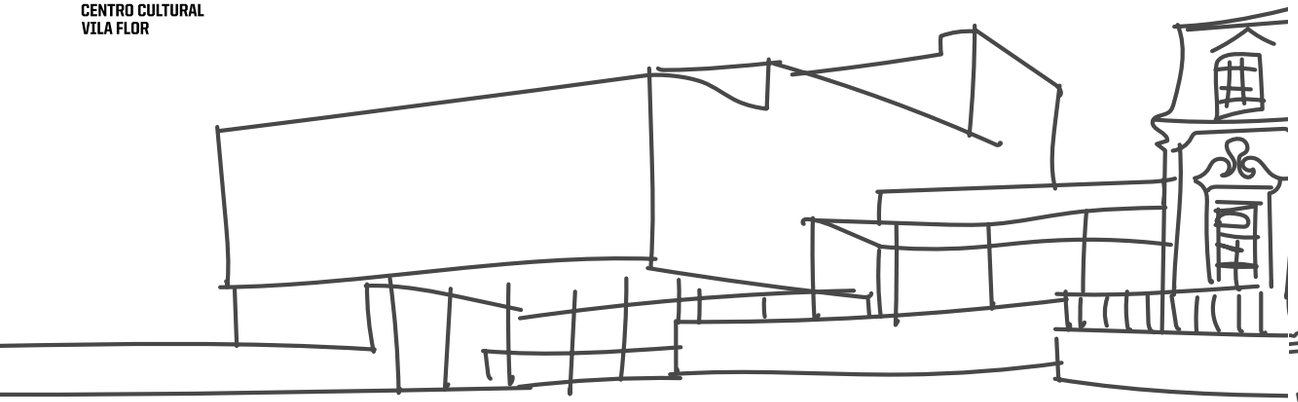
As peças de artesanato local, como o Bordado de Guimarães, a Cantarinha dos Namorados, o ferro forjado ou a latoaria podem ser comprados neste espaço. Mas esta é mais do que uma loja: é também um local onde é possível assistir à manufatura de alguns destes produtos pelas artesãs que diariamente ali trabalham.

Rua da Rainha Dª. Maria II, 132

Visitors can purchase local handicraft items - such as Guimarães Embroidery, the Cantarinha dos Namorados (a traditional pottery Valentine's gift), wrought iron or tin-work. But this is more than a shop: you can watch some of these products being made on site by the artisans who work there daily.



CENTRO CULTURAL
VILA FLOR



É a principal casa da cultura em Guimarães desde 2005. Ponto central da atividade d'A Oficina, que ali promove a generalidade dos festivais e a programação regular ao longo do ano – contemporânea, internacional e com um foco na nova criação. Dois auditórios, por onde passam sobretudo propostas de teatro e dança contemporânea, um café concerto, que é palco para a música, e uns jardins magníficos, dão nova vida à antiga quinta do Palácio Vila Flor, edifício do século XVIII.

Av. D. Afonso Henriques, 701

Guimarães' main Cultural Centre since 2005. The hub of the activity of A Oficina, which organises a wide range of festivals and regular programming throughout the year - contemporary, international events, with a focus on new creations. Two auditoriums, a café concert and magnificent gardens, have given new life to the old farmhouse of the 18th century Palácio Vila Flor.

Palácio Vila Flor
Casa de partida d'A Oficina, que aqui teve a sua primeira sede, foi reabilitado em 2005, aquando da construção do Centro Cultural Vila Flor, passando a incluir uma galeria com uma programação regular de artes visuais contemporâneas.

The original headquarters of A Oficina, rehabilitated in 2005, when the Centro Cultural Vila Flor was built, to include a gallery with a regular programme of contemporary visual arts.

CENTRO DE
CRIAÇÃO DE
CANDOSO

Espaço incontornável da nova criação de artes performativas em Portugal, esta antiga escola, transformada em 2012 num espaço de residências artísticas, tem sido ponto de passagem obrigatório de alguns dos principais criadores nacionais da dança contemporânea e do teatro, mas também da música. Cerca de 20 residências anuais deram origem a outros tantos espetáculos, fruto da aposta d'A Oficina na coprodução de novas criações.

Rua de Moure São Martinho de Candoso

This former school, which in 2012 was transformed into a space for artistic residencies, has been an obligatory venue for some of Portugal's leading creators of contemporary dance, theatre and music. The centre organises around 20 residencies per year, leading to other performances, as a result of A Oficina's commitment to coproduce new works.

Black Box da Fábrica ASA
A sala de espetáculos criada nesta antiga fábrica de lençóis, em 2012, é a extensão natural do Centro de Criação de Candoso. É para aqui que se encaminham os espetáculos das companhias em residência artística na fase final da sua criação. Acolhe também, pontualmente, a apresentação de espetáculos de teatro e dança.

Rua da Estrada Nacional 105
Covas - Polvoreira

The auditorium created in 2012, in this former linen factory, is the natural extension of the Candoso Creation Centre. The performances of the companies attending the artistic residency are staged here, in the final phase of their creation. It also occasionally hosts stage plays and dance performances.

Teatro Oficina

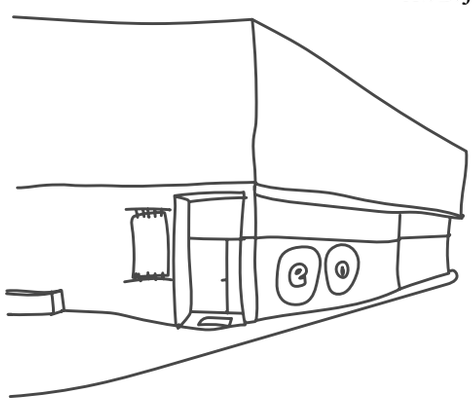
Desde 1994 que Guimarães tem uma companhia de teatro profissional que, desde então, tem criado regularmente, ajudando a conquistar e fidelizar públicos do teatro. Em 2017, o Teatro Oficina abriu as portas para um novo ciclo de relação com o território, passando a assumir-se ainda mais como a companhia de teatro de Guimarães.

Since 1994, Guimarães has a professional theatre company which has regularly created stage plays, and thereby attracted and retained theatre audiences. In 2017, the Teatro Oficina opened the door to a new cycle of relationship with the surrounding territory, assuming its position as the main theatre company of Guimarães.

Espaço Oficina

A criação e a formação associadas ao Teatro Oficina passam fundamentalmente por esta caixa negra que é um local de encontro de toda a rede criada em torno da companhia de teatro de Guimarães, que inclui os alunos da licenciatura em Teatro da Universidade do Minho, os integrantes das Oficinas do Teatro Oficina, mas também os membros dos grupos de teatro de amadores e os artistas do Gangue de Guimarães.

Av. D. João IV, 1213 Cave

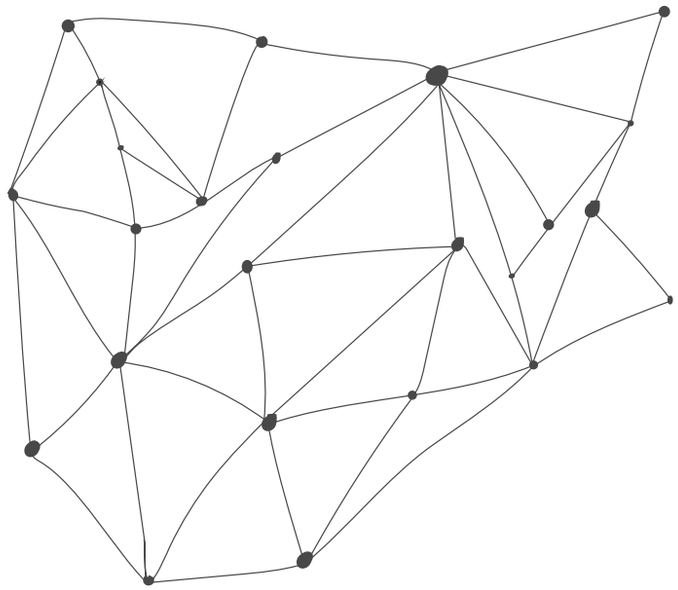


Artistic creation and training associated with the Teatro Oficina essentially occurs in this black box, which is a meeting place of the entire network created around the Guimarães-based theatre company , which includes the students of the BA Hons degree in Theatre of the University of Minho, members of the workshops of the Teatro Oficina, and also the members of the amateur theatre groups and the artists of the Gangue de Guimarães.

Educação e Mediação Cultural

A Educação e Mediação Cultural tem uma casa, um museu, um teatro, um jardim e um palácio, mas é um lugar em construção. Nunca lhe faltam perguntas. Brinca como quem aprende e aprende como quem brinca. Com as pessoas, os espaços, as imagens, os objetos e as histórias. Do seu território, vê o mundo todo. Mais do que uma geografia, desenha uma geometria de afetos. E acredita que a educação e a cultura só podem ser transformadoras.

Education and Cultural Mediation has a house, a museum, a theatre, a garden and a palace, but is still a place under construction. It's never short of questions. It plays like someone who is still learning and learns like someone who is still playing. With people, spaces, images, objects and stories. From its territory, you will see the whole world. More than a geographical locale, it traces a geometry of affections. And it believes that education and culture are inevitably transformative.



CIAJG
CENTRO INTERNACIONAL DAS ARTES JOSÉ DE GUIMARÃES

Av. Conde Margaride, 175
4810-535 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 715
geral@aoficina.pt
www.ciajg.pt

Horário de bilheteira
terça-feira a domingo
10h00-13h00
14h00-19h00
_
Em dias de espetáculo
1 hora antes / até meia hora depois

Estacionamento
70 lugares em parque coberto

CDMG
CASA DA MEMÓRIA DE GUIMARÃES

Av. Conde Margaride, 536
4835-073 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 716
casadamemoria@aoficina.pt
www.casadamemoria.pt

Horário de bilheteira
terça-feira a domingo
10h00-13h00
14h00-19h00
_
Em dias de espetáculo
1 hora antes / até meia hora depois

LO
LOJA OFICINA

Rua da Rainha Dª. Maria II, 132
4800-431 Guimarães
Tel. (+351) 253 515 250
geral@aoficina.pt
www.aoficina.pt

Horário de funcionamento
segunda a sábado
10h00-13h00
14h00-19h00

CCVF
CENTRO CULTURAL VILA FLOR

Av. D. Afonso Henriques, 701
4810-431 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 700
geral@ccvf.pt
www.ccvf.pt

Horário de bilheteira
terça-feira a sábado
10h00-13h00
14h00-19h00
local_Palácio Vila Flor
_
Em dias de espetáculo
1 hora antes / até meia hora depois
local_Bilheteira Central

Serviço de Babysitting
Funcionamento em noites de espetáculo e durante o período de apresentação
Dos 3 aos 9 anos
Preço 1,00 eur

Estacionamento
144 lugares em parque coberto

CCC
CENTRO DE CRIAÇÃO DE CANDOSO

Rua de Moure
São Martinho de Candoso
4835-382 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 700
geral@aoficina.pt
www.aoficina.pt

FÁBRICA ASA
BLACK BOX

Rua da Estrada Nacional 105
Covas - Polvoreira
4835-157 Guimarães

EO
ESPAÇO OFICINA

Av. D. João IV, 1213 Cave
4810-532 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 700
geral@aoficina.pt
www.aoficina.pt

VENDA DE BILHETES
oficina.bol.pt
Centro Internacional das Artes José de Guimarães
Casa da Memória
Centro Cultural Vila Flor
Loja Oficina
Lojas Fnac, El Corte Inglés, Worten
Entidades aderentes da bilheteira online

DESCONTOS
Cartão jovem, menores de 30 anos e estudantes
Cartão municipal de idoso, reformados e maiores de 65 anos
Cartão municipal das pessoas com deficiência
Deficientes e acompanhante

CARTÃO QUADRILÁTERO CULTURAL
50% de desconto nos bilhetes para os espetáculos e entradas em exposições programadas pel'A Oficina.

INFORMAÇÕES E RESERVAS
Pedidos de informação e reservas de bilhetes poderão ser efetuados através do telefone 253 424 700 ou do e-mail bilheteira@aoficina.pt. As reservas de bilhetes deverão ser obrigatoriamente levantadas num período máximo de 5 dias após a reserva. Quaisquer reservas deverão ser levantadas até 2 dias antes da data do espetáculo. Após estes períodos serão automaticamente canceladas.

VISITAS ORIENTADAS
INFORMAÇÃO GERAL
Público-alvo Maiores de 3/4 anos
Duração c. 90 min.
Lotação mín.10/ máx. 25 pessoas
Preços Visitas Orientadas 1,50 eur. a 2,00 eur. (grupos escolares/instituições) e 4,00 a 5,00 eur. (outros grupos)
Preços Visitas Conjuntas 2,00 eur. (grupos escolares/instituições) e 5,00 eur. (outros grupos)
Visita ao CCVF não é recomendável a pessoas com mobilidade reduzida.

CCVF | PALÁCIO VILA FLOR
Terça a sábado
das 10h00 às 13h00 e
das 14h00 às 19h00
(a última visita terá início às 17h30)

CIAJG | CDMG
Terça a domingo
das 10h00 às 13h00 e
das 14h00 às 19h00
(a última visita terá início às 17h30)

Visitas realizadas por marcação com, pelo menos, uma semana de antecedência, através de telefone 253424700 ou e-mail mediacaocultural@aoficina.pt

OFICINAS CRIATIVAS
INFORMAÇÃO GERAL
Duração 90 min. a 2 horas
Lotação mín.10/ máx. 25 pessoas
Preço 2,00 eur.

PROGRAMA VAI E VEM
1 visita orientada a um dos espaços + 1 oficina criativa nas escolas/instituições
Preço 2,00 eur.

Oficinas e visitas realizadas por marcação com, pelo menos, uma semana de antecedência, através de telefone 253424700 ou e-mail mediacaocultural@aoficina.pt

ALTERAÇÕES
O programa apresentado nesta publicação poderá sofrer alterações por motivos imprevistos.

A OFICINA

Direção
Presidente
Adelina Paula Pinto
(Câmara Municipal
de Guimarães)
Vice-Presidente
António Augusto Duarte Xavier
Tesoureiro
Maria Soledade da
Silva Neves
Secretário
Jaime Marques
Vogal
Manuel Novais Ferreira
(Casa do Povo de Fermentões)
Conselho Fiscal
Presidente
José Fernandes
(Câmara Municipal
de Guimarães)
Vogal
Ricardo Costa
(Taipas Turitermas, CIPRL)
Vogal
Djalme Alves Silva
Mesa da Assembleia Geral
Presidente
Lino Moreira da Silva
(Câmara Municipal
de Guimarães)
Vice-Presidente
Manuel Ferreira
Secretário
Jorge Cristino
(CAR - Círculo de Arte
e Recreio)

Direção Artística
João Pedro Vaz
Direção Executiva
Ricardo Freitas
Codireção Artística e Internacionalização
Rui Torrinha
Programação
Nuno Faria (CIAJG)
Catarina Pereira (Património e Artesanato)
Rui Torrinha (CCVF / Festivais)
Fátima Alçada (Educação e Mediação Cultural)
João Pedro Vaz (Teatro Oficina)
Ivo Martins (Guimarães Jazz / Palácio Vila Flor)
Assistente de Direção
Anabela Portilha
Assistentes de Direção Artística
Cláudia Fontes
Luís Ribeiro (CIAJG)
Educação e Mediação Cultural
Fátima Alçada (Direção),
Carla Oliveira, Celeste Domingues, Daniela Freitas,
João Lopes, Marisa Moreira, Marta Silva
Produção
Susana Pinheiro (Direção)
Andreia Abreu, Andreia Novais, João Terras, Hugo Dias,
Nuno Ribeiro, Rui Salazar, Sofia Leite
Técnica
Carlos Ribeiro (Direção),
João Castro, João Dionísio, João Guimarães, Nuno Eiras,
Ricardo Santos, Rui Eduardo Gonçalves, Sérgio Sá
Serviços Administrativos / Financeiros
Helena Pereira (Direção),
Ana Carneiro, Liliana Pina, Marta Miranda,
Pedro Pereira, Susana Costa
Instalações
Luís Antero Silva (Direção),
Joaquim Mendes (Assistente),
Jacinto Cunha, Rui Gonçalves (Manutenção),
Amélia Pereira, Anabela Novais, Carla Matos,
Conceição Leite, Conceição Oliveira, Maria Conceição Martins,
Maria de Fátima Faria, Rosa Fernandes (Manutenção e Limpeza)
Comunicação e Marketing
Marta Ferreira (Direção),
Bruno Borges Barreto (Assessoria de Imprensa),
Carlos Rego (Distribuição),
Susana Magalhães, Paulo Dumas (Comunicação Digital),
Eduarda Fontes, Susana Sousa (Design)
Andreia Martins, Jocélia Gomes, Josefa Cunha,
Manuela Marques, Sylvie Simões (Atendimento ao Público)
Património e Artesanato
Catarina Pereira (Direção),
Bela Alves (Olaria),
Inês Oliveira (Gestão do Património)

Financiamento

Cofinanciamento

Apoios

CARTÃO QUADRILÁTERO CULTURAL

12 MESES
-50% DESCONTO

Como aderir?
www.bol.pt
Bilheteiras dos Espaços Culturais

O Cartão Quadrilátero Cultural é um cartão de fidelização, pessoal e intransmissível, para o acesso em condições vantajosas a espaços culturais nas quatro cidades do Quadrilátero (Theatro Gil Vicente - Barcelos, Theatro Circo - Braga, Centro Cultural Vila Flor - Guimarães e Casa das Artes - Vila Nova de Famalicão), mediante o pagamento de uma anuidade no valor de 25 eur, com validade de 1 ano e possibilidade de renovação.

CENTRO CULTURAL VILA FLOR [GUIMARÃES]

CASA DAS ARTES [VILA NOVA DE FAMALICÃO]

THEATRO CIRCO [BRAGA]

THEATRO GIL VICENTE [BARCELOS]

AGENDA

JANEIRO

QUA 1 17H00	CCVF	Música		**Orquestra de Guimarães** Concerto de Ano Novo
SÁB 4 17H00	CCVF	Cinema		**Mini-Cineclube**
5, 7, 12, 19, 21, 26 21H45	CCVF	Cinema		**Cineclube de Guimarães**
SÁB 11 17H00	CCVF	Visita Performativa		**Do Avesso** Manuela Ferreira
DOM 12 17H00	CIAJG	Visita Performativa		**Ponto de Fuga** Nuno Preto
SEG 13 18H30	CCVF	Oficina	EMC	**A Dança e a Filosofia** Leonor Barata
SÁB 18 15H00	CIAJG	Coreografia-Curadoria		**Encontros para Além da História** Caos e Ritmo (ar sopro palavra)
QUI 23 E SEX 24 10H30 E 15H00	CIAJG	Palestra-Concerto	EMC	**Válvula** António Jorge Gonçalves e Lbc Soldjah
QUI 23 A SÁB 1 FEV	CIAJG	Exposição	EMC	**Válvula, Eu estive aqui!** Uma História do Graffiti de A a Z António Jorge Gonçalves
SÁB 25 21H30	CCVF	Música		**Capitão Fausto**

FEVEREIRO

SÁB 1 17H00	CCVF	Cinema		**Mini-Cineclube**
SÁB 1 21H30	CIAJG	Música		**M. Ward**
2, 16, 25 21H45	CCVF	Cinema		**Cineclube de Guimarães**
QUI 6 A DOM 16	CCVF CIAJG	Dança		**GUIdance** Festival Internacional de Dança Contemporânea 10ª Edição
QUI 13 E SEX 14 10H00 E 14H30	CCVF	Oficina	EMC	**A Dança e a Filosofia** Leonor Barata
13 E 14 **17 A 21** **27 E 28** 10H30 E 15H00 **15 E 29** 16H00	CIAJG	Instalação/Dança	EMC	**Caixa para Guardar o Vazio** Fernanda Fragateiro e Aldara Bizarro
ATÉ 15	LOJA OFICINA	Exposição		**Maria Fernanda Braga** Retrospetiva 20 Anos
ATÉ 16	CIAJG	Exposição		**Plant Revolution!**
ATÉ 16	CIAJG	Exposição		**Geometria Sónica**
ATÉ 16	CIAJG	Exposição		**Coleção Permanente e Outras Obras** **José de Guimarães** Pintura e Desenho do Período Angolano **Júlio Fernandes da Silva** A Páginas Tantas, Desenho
SEG 17 A QUI 20 16H00-18H00	CCVF	Oficina	EMC	**Oficina para Professores e Técnicos** **Aldebarã** Marco Paiva e Joana Saraiva
SEG 17 19H00-21H00	CCVF	Assembleia	EMC	**Assembleia Comunitária** **Aldebarã** Marco Paiva
SÁB 22 21H30	CCVF	Teatro		**Tierras del Sud** Azkona & Toloza

AGENDA

MARÇO

DOM 1 17H00	CCVF	Multidisciplinar		**A Pele** Projeto Artístico e Social da Cercigui
SEG 2 A SEX 6 10H30 E 15H00	CIAJG	Instalação/Dança	EMC	**Caixa para Guardar o Vazio** Fernanda Fragateiro e Aldara Bizarro
3, 8, 15, 17, 22, 29 21H45	CCVF	Cinema		**Cineclube de Guimarães**
SEX 6 19H00	CCVF	Exposição [Até 31 Jul]		**Transmissão** Patrícia Almeida, obras 2001-2017
SEX 6 21H30	CCVF	Teatro		**~~A Tragédia de~~ Júlio César** Luís Araújo — Ao Cabo Teatro
SÁB 7	CIAJG+ CDMG	Vários		**Museu do Futuro #1**
DOM 8	CIAJG+ CDMG	Visitas e Oficinas	EMC	**Domingos nos Museus**
SEG 9 A QUI 12 + SEG 23 A QUI 26 11H00-13H00	CCVF	Oficina	EMC	**Oficina Teatral Inclusiva** **Aldebarã** Marco Paiva e Joana Saraiva
SÁB 14 21H30	CCVF	Música		**Camané & Mário Laginha** Aqui Está-se Sossegado
SEX 20 15H00	LOJA OFICINA	Exposição [Até 27 Jun]		**O Misticismo do Barro a 4 mãos**
QUI 19 E SEX 20 10H30 E 15H00	CIAJG	Teatro	EMC	**As Cidades Invisíveis** Alex Cassal
SEX 20 23H00	CCVF	Música		**Afonso Cabral**
SEG 23 E TER 24 14H00-18H00	CCVF	Oficina	EMC	**Oficina Vídeo Arte** **Aldebarã** Mário Melo Costa
SEX 27 21H30	CCVF	Circo Contemporâneo		**Eins Zwei Drei** Martin Zimmermann
SÁB 28 17H00	CCVF	Cinema		**Mini-Cineclube**
SEG 30 MAR A SEX 3 ABR	CIAJG + CDMG + CCVF	Oficinas	EMC	**Oficinas de Férias da Páscoa**

ABRIL

SEG 30 (MAR) A QUI 2 10H30 E 15H00 **SEX 3** 10H30 E 14H30 **SÁB 4** 11H00 E 16H00 **SEG 6** 10H30 E 15H00	CCVF	Teatro	EMC	**A Árvore Branca** Raimundo Cosme
SEX 3 23H00	CCVF	Música		**Matt Elliott**
5, 7, 12, 19, 21, 26, 28 21H45	CCVF	Cinema		**Cineclube de Guimarães**
SEG 6 A QUI 9	CIAJG + CDMG + CCVF	Oficinas	EMC	**Oficinas de Férias da Páscoa**
SEX 10 21H30	CCVF	Música		**Orquestra de Guimarães** Concerto de Páscoa
SÁB 11 17H00	CCVF	Cinema		**Mini-Cineclube**
QUA 15 A SÁB 18	CCVF + CIDADE	Música		**Westway LAB**
QUI 16 E SEX 17 10H00 E 14H30 **SÁB 18** 16H00	CCVF	Teatro	EMC	**Aldebarã** Marco Paiva
SÁB 25 10H00-18H00	CDMG	Visitas, Oficinas, Espetáculos		**4º Aniversário da Casa da Memória**

TODO O ANO

	LOJA OFICINA	Exposição		**In Memoriam - Alberto Sampaio**
	CDMG	Exposição		**Território e Comunidade** Casa da Memória

C I A J G
centro internacional das artes
josé de guimarães

CDMG
Casa da Memória
Guimarães

CENTRO CULTURAL
VILA FLOR

CENTRO DE
CRIAÇÃO DE
CANDOSO

Teatro
Oficina

EDUCAÇÃO
E MEDIAÇÃO
CULTURAL

LOJA
OFICINA